



Américo Almeida

ANEXO A - SISTEMAS ESTRUTURANTES
ARDA



ÍNDICE

O Sítio.....	3
Património Cultural	11
Património Natural	27
Equipamentos.....	29
Acessibilidades	30
Bibliografia.....	45

Índice de Mapas:

Mapa 01 – Rio Arda | Geologia

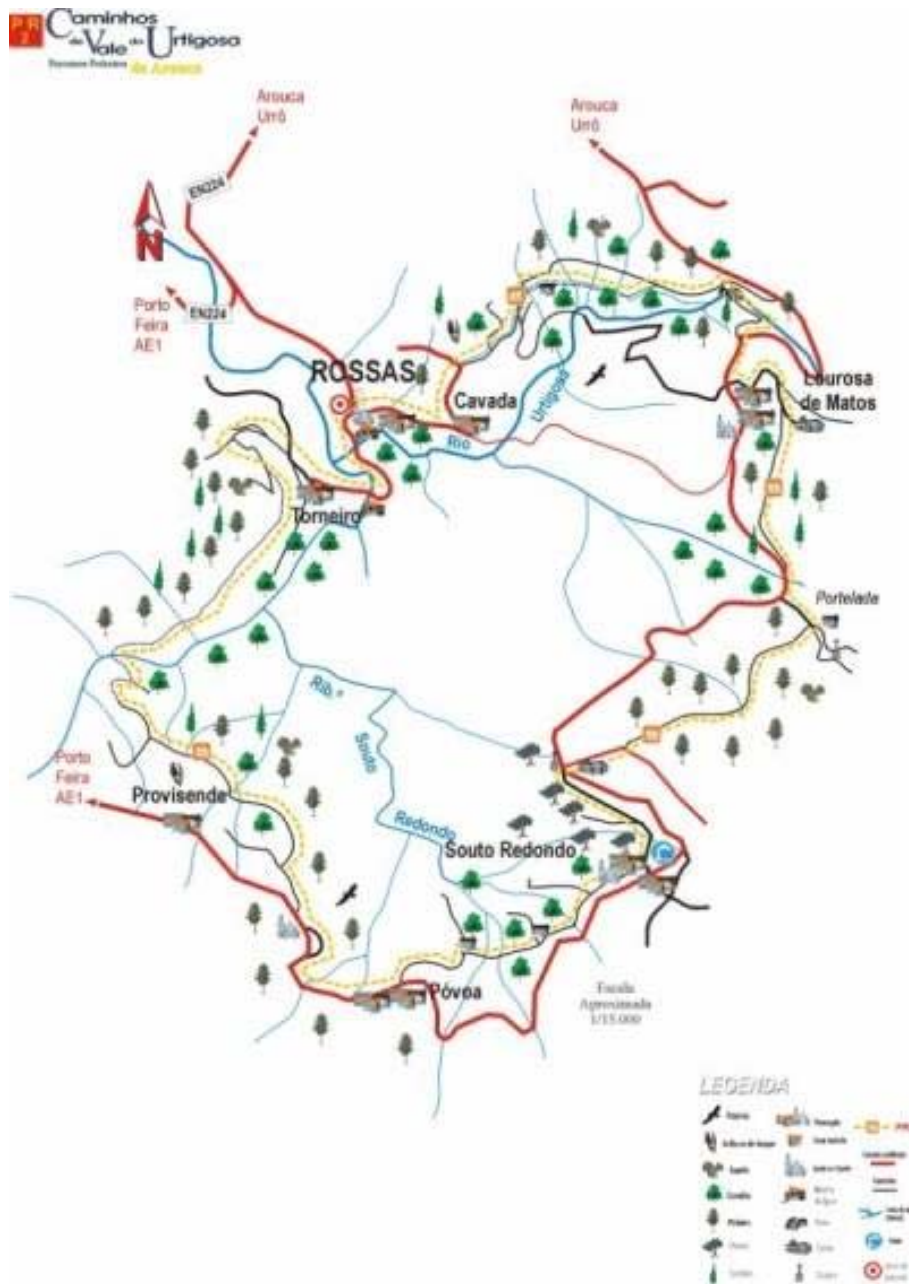
Mapa 02 – Rio Arda | Hidrografia Principal

Mapa 03 – Rio Arda | Hipsometria

Mapa 04 – Rio Arda | Património

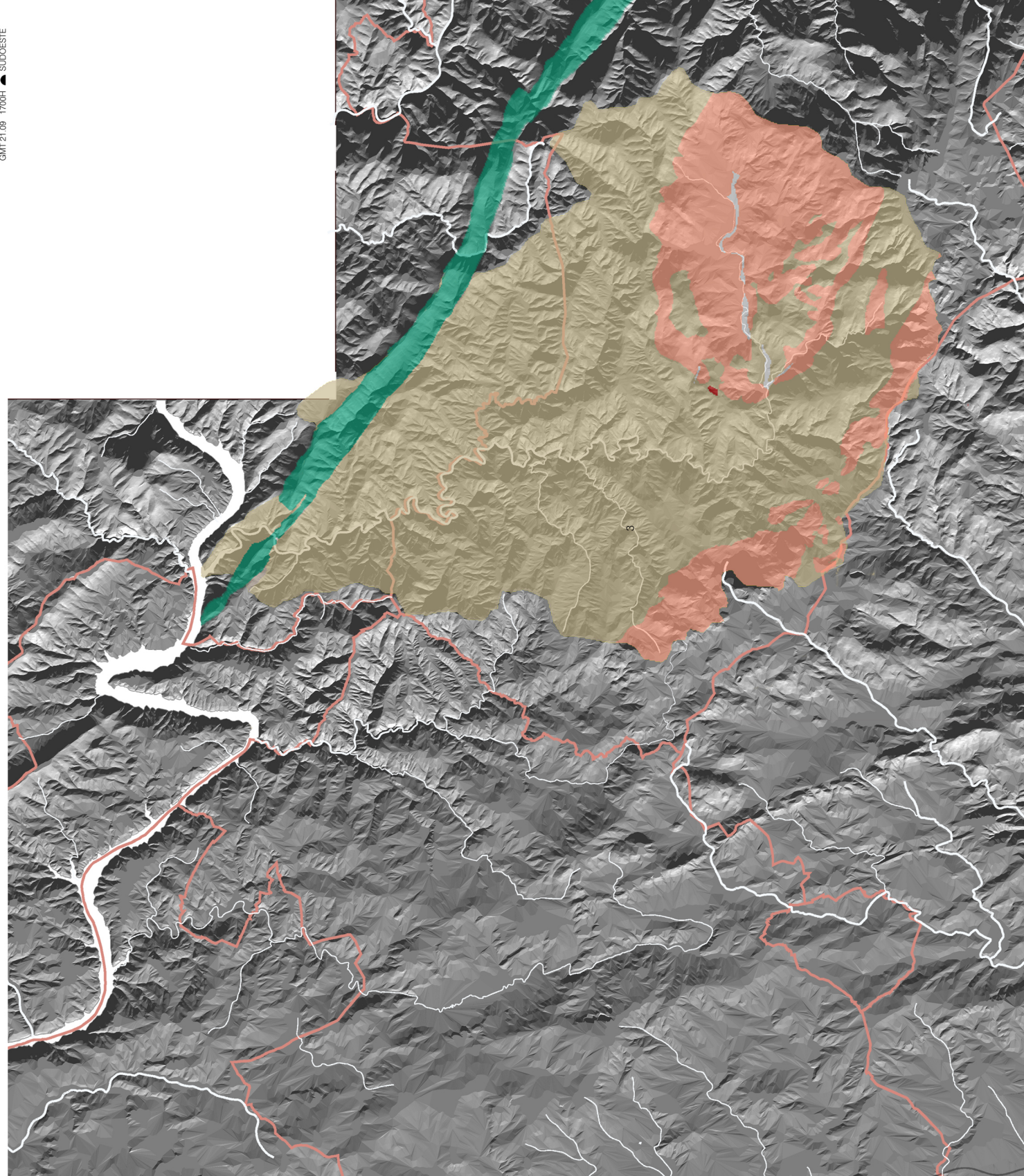
ICONOGRAFIA

Mapa do PR 2 - "Caminhos do Vale do Urtigosa" (www.cm-arouca.pt)



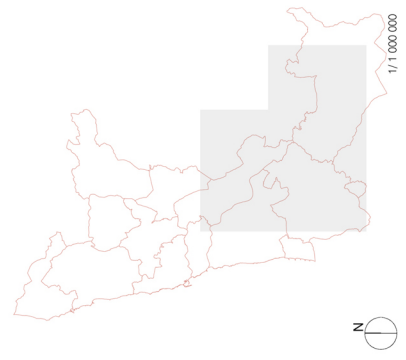


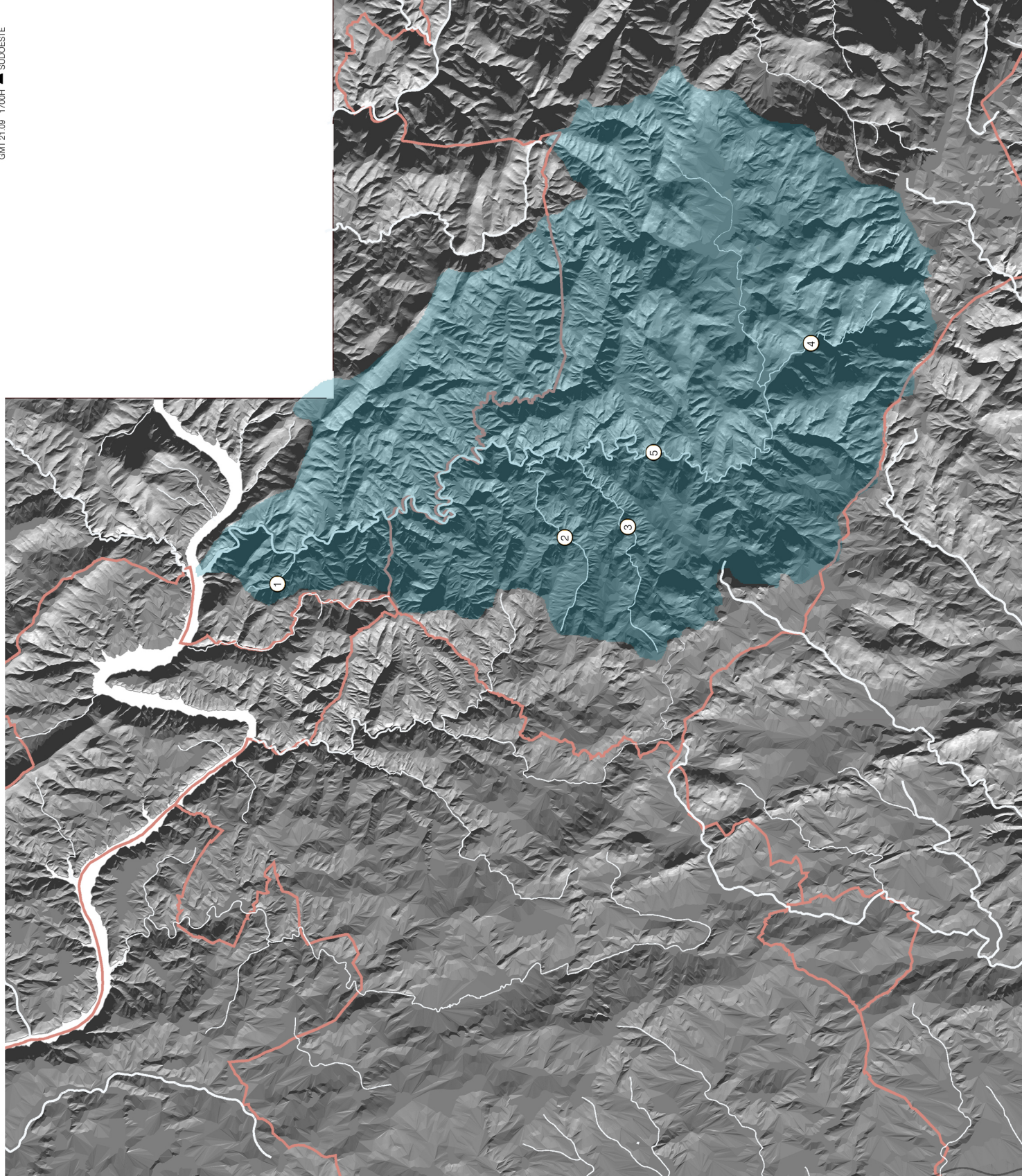
Vale do Rio Arda (Arouca)



01 RIO ARDA | GEOLOGIA

- Aluviões e Fluvióssols
- Rochas eruptivas
- Complexo Xisto-Grauváquico
- Ordoviciano
- Rochas filonianas

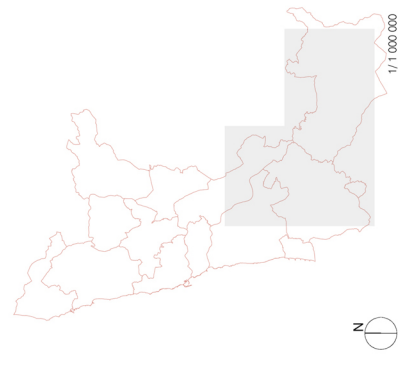


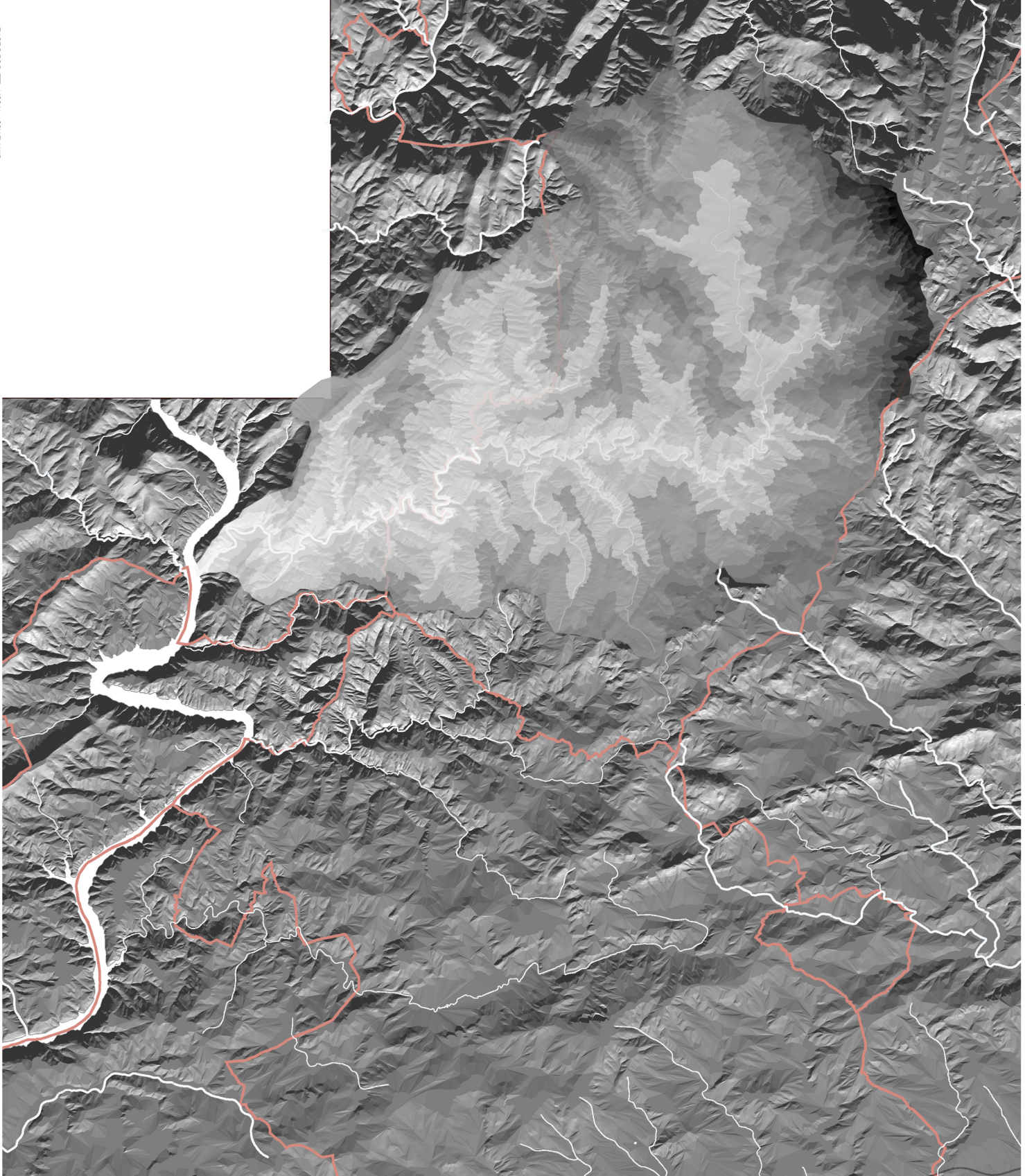


02 RIO ARDA | HIDROGRAFIA PRINCIPAL

- 1 Ribeira da Murteira
- 2 Ribeira do Mosteiro
- 3 Ribeira Vales
- 4 Rio Ortigo
- 5 Rio Arda

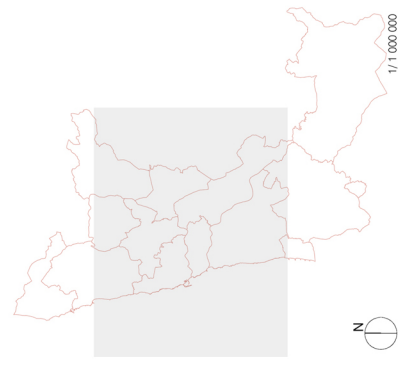
Bacia Hidrográfica do Rio Arda



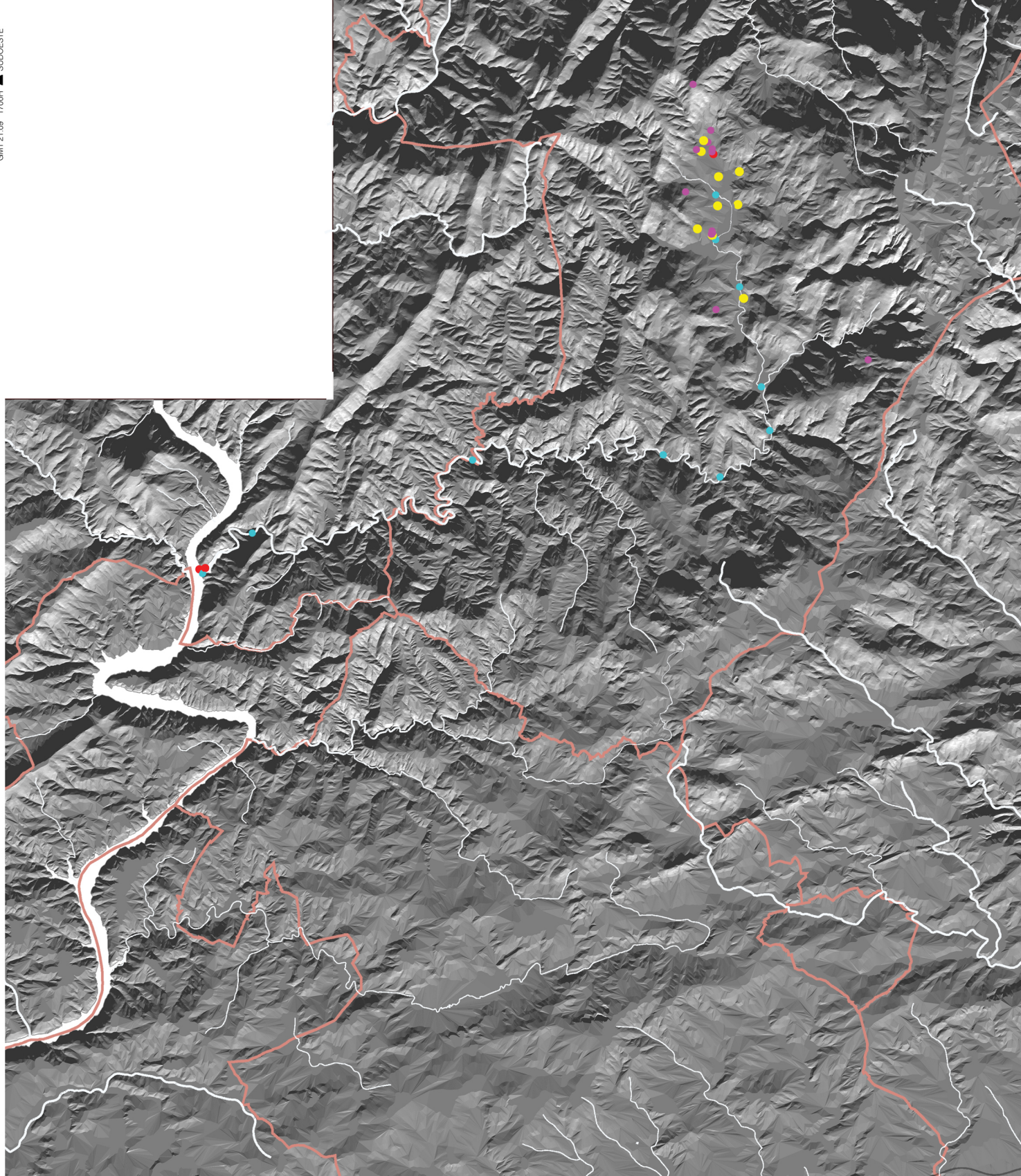


03 RIO ARDA | HIPSOMETRIA

- 0 - 100 metros
- 100 - 200 metros
- 200 - 300 metros
- 300 - 400 metros
- 400 - 500 metros
- 500 - 600 metros
- 600 - 700 metros
- 700 - 800 metros
- 800 - 900 metros
- > 900 metros



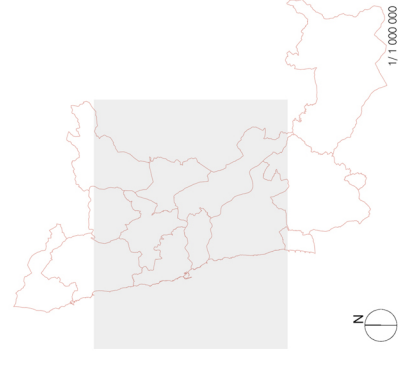
03 RIO ARDA | HIPSOMETRIA



04 RIO ARDA | PATRIMÓNIO

04 RIO ARDA | PATRIMÓNIO

- Património religioso
- Quintas
- Equipamentos
- Pontes



IDENTIFICAÇÃO

Nome: “Rio Arda”

Área:

Freguesias: Arouca, Burgo, Santa Eulália, Urrô, Várzea, Rossas, Chave, Mansores, Tropeço, Escariz, Fervedo, São Miguel do Mato (Arouca), Paraíso, Raiva e Pedrido (Castelo de Paiva)

Concelhos: Arouca e Castelo de Paiva

DESCRIÇÃO

“Não conheces, leitor, o vale de Arouca... ? Pois, apressa-te a visitá-lo; que poucas paragens florescerão no país tão como aquela, deleitosas e amenas, tão exuberantes de vida, tão pródigas de encantos e de frescura. A uma e outra margem do pitoresco rio Arda alastram-se feracíssimos campos de cultivo, que na Primavera revestem em massa a cor deliciosa da esmeralda. Ali se aprumam rumorejantes os salgueiros, com a sua trémula folhagem bicolor, a vinha contorce as suas nodosas varas em mudas atitudes de desespero; árvores de fruto aos centenares matizam de tons corados, apetitosos vivos, aquela extensa monotonia verde, longa, vitoriosa e tersa como a fita de uma grã-cruz; e na orla, um pouco mais elevados, os castanheiros verdenegros ostentam vaidosos a sua corpolência hercúlea, com uma floração ridente a salpicar-lhes a coma de claro, qual se foram marqueses empoados para alguma solene recepção. E este fecundíssimo torrão, este riquíssimo tesouro rural, tão farto de produções mimosas, tão rico de matizes e de perfumes, tão fresco, tão salutar, guarda-o vigilante e zelosa uma aprumada serra, que de perto o cinge pelo Norte, pelo nascente e pelo Sul, erguendo-se em trono austera, rígida e quase inacessível, e deixando apenas ao poente um ingresso estreito e mais seguro, como tomada de justo ciúme pela sonegação daquela angustiada preciosidade.”

Abel Botelho, in *“O Occidente. Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro”*, VI, 1884, pp. 268 e 269

“O vale de Arouca, esguio e fertilíssimo, é quase completamente fechado em torno por serra alterosa, que o estrangula e cinge de perto, deixando-lhe apenas das bandas de oeste como respiradouro a fornecer-lhe a comunicação fácil com o país circunjacente. Ao Norte, a Serra do Gamarão; por leste, o monte cónico da Mó, e a Serra da Freita ao Sul, parecem erguer-se aprumadas e vigilantes, como escoltas ciosos do riquíssimo tesouro que na profundidade das suas faldas tão galhardamente ocultam.”

Abel Botelho, in *"A Frecha da Mizarela"*, 1883, incluído em *"Mulheres da Beira"*, 2ª edição, 1917

"Torneia-se o monte e começa a descida para o vale de Arouca. A encosta e o vale igualam em beleza Sintra, e excedem-na em vastidão. A estrada segue uma légua debaixo de arvoredos cerrados ou de pequenos campos orlados de árvores e videiras, ouvindo-se a espaços o cair das levadas que atravessam o caminho ou o ladeiam."

Alexandre Herculano, in *"Apontamentos de Viagem"*, 1853-1854

O Sítio

O rio **Arda** é um afluente da margem esquerda do Rio Douro, onde desagua entre os lugares de Nogueira do Rio e Além da Ponte, na freguesia de Pedorido, 35 km a NE do Porto. Percorre em toda a sua extensão **30 km** numa área de bacia de **167,94 km²**, seguindo uma orientação predominante Sul - Norte. A montante, o rio Arda resulta da confluência de três linhas de água: o **Ribeiro de Gondim** com nascentes em Gamarão de Cima e Gondim (cerca de 3 km a NO da vila de Arouca, a 691 m de altitude) que se junta ao rio **Marialva** que nasce na Serra da Senhora da Mó (1500 m de altitude a NE da vila de Arouca, atravessando-a no seu percurso), no qual se juntaram as águas da **Ribeira de Silves** que desagua na freguesia de Burgo. A junção das três linhas de água resulta no rio Arda, que adquire esta designação a poente de Burgo.

A **origem etimológica** do rio Arda é **controversa**. Pinho Leal descreve-a assim: *"Se este rio tivesse tanta abundância de águas como tem fartura de nomes, certamente seria um grande rio. Não lhe conheço menos de oito nomes: 'Arda', 'Alarda', 'Alardo', 'Adarda', 'Arnaldo', 'Anarda', 'Pedonde' e 'Pedorido'. Os nomes por que era mais vulgarmente conhecido antigamente, eram 'Alarda', 'Adarda' e 'Pedonde': hoje quasi toda a gente lhe chama Arda", "parece que o nome actual d'este rio é o mais antigo, a que os árabes juntaram o artigo al-, ficando 'Al-arda'. É este o seu nome official nos primeiros tempos da nossa monarchia; ainda que em alguns papéis antigos se lhe chame também 'Adarda' e 'Pedonde'. O nome que alguns escriptores lhe dão de 'Pedorido', é talvez por elle morrer na freguezia d'este nome e elles lhe não saberem outro. Sustentam alguns (na minha opinião, com alguns bons fundamentos) que o nome actual d'este rio é a palavra árabe 'Árada', que significa apresentar, fazer apparecer, passar mostra aos soldados. É d'este verbo que se deriva o substantivo 'alardo' (em árabe, 'alardi'), resenha de gente de guerra: e também um dos nomes d'este rio. Ainda outros derivam este nome da palavra árabe 'adduar'; que significa aldeia feita de tendas ambulantes, de pastores. Deriva-se do verbo 'dáuara', cercar ou murar à roda. Sendo assim, vem a significar Rio da Aldeia. Segundo a outra etymologia, vem a ser Rio do Alardo."* (Leal, 1873).

Desde as suas nascentes em Arouca, o rio Arda percorre as freguesias de Arouca, Burgo, Santa Eulália, Urrô, Várzea e Rossas, no chamado **Vale de Arouca**, uma área de **grande fertilidade de solos** devido à acumulação de sedimentos aluviais arrancados, pela erosão, às rochas graníticas e xísticas da região. Este vale é descrito por vários autores: *"Da vertente da Serra da Freita (ou de S. Pedro), descem dois regatos chamados **Marialva** e **Silvares**, que se concentram na veiga de Arouca, logo abaixo do mosteiro. A partir daí, o curso de água toma o nome de rio Arda. A princípio, até à ponte do Carvalhal (perto do lugar com o mesmo nome), o afluente parece querer dirigir-se para poente; mas nesse ponto inflecte para Norte, sempre, sinuoso e apertado por alcantilados pendores, ora silvestres, ora adustos. (...)* (FCG, 1985) e *"(O rio Arda) move o lagar de azeite do Convento e faz mover vários moinhos. Rega e fertilisa este delicioso e feracissimo valle, e n'elle mesmo recebe vários ribeiros anonymos. (...) Desde a villa de Arouca até Varzea, suas margens são em toda a parte cultivadas: d'ahi para baixo são só cultivadas em parte. Tem muitas arvores de vinho. Cria bastante e bom peixe, sobretudo deliciosas trutas. Serve de motor a quatro boas fabricas de papel, e uma de papellao e a muitos moinhos de milho."* (Leal, 1873).

Nas freguesias de Chave, Mansores, Tropeçô, Escariz, Fermedo e São Miguel do Mato (concelho de Arouca), percorre um vale encaixado e meandrizado até desaguar na sua foz. Nas freguesias mais a jusante, Paraíso, Raiva e Pedorido (concelho de Castelo de Paiva), o rio Arda apresenta pequenas **margens resultantes de depósitos aluvionares**, onde se pratica alguma **agricultura de subsistência**.

O **regime hidrológico** do rio Arda caracteriza-se por uma precipitação média de 168 mm, uma evaporação potencial média de 1783 mm e um escoamento médio de 1031 mm (INAG, 2001). Em termos de distribuição espacial e número de secas, independentemente da severidade, verifica-se que, de um modo geral, com excepção do trimestre de Inverno, a bacia hidrográfica do rio Arda é uma das menos afectadas na Bacia Hidrográfica do rio Douro (INAG, 2001).

O rio Arda tem uma **densa rede hidrográfica**, constituída por inúmeros ribeiros que nele desaguam em todo o seu percurso, fruto da geomorfologia das suas encostas. Como principais afluentes, para além do rio Marialva e das Ribeiras de Silvares e Gondim, destacam-se a **Ribeira da Murteira** que desagua na margem direita do rio Arda em Pedorido (Castelo de Paiva), o **Ribeiro de Mosteirô** e a **Ribeira de Vales** que desaguam ambos na margem esquerda do rio Arda em São Miguel do Mato (Arouca), e o **Rio Ortigosa** (ou Urtigosa). Este nasce na freguesia de Urrô a partir de um conjunto de riachos que escorrem da encosta norte da Serra da Freita. Percorrendo no sentido Sul - Norte, entra na freguesia de Rossas onde desagua no rio Arda, depois de se juntar ao **Ribeiro de Escaiba**.

Relativamente à **geologia** da região da bacia do Arda, esta desenvolve-se em área montanhosa e de grande cobertura florestal, sendo as altitudes dominantes situadas entre os 200 e os 600 metros, com excepção na parte meridional do concelho de Arouca, que abrange a parte mais substancial da serra da Freita. Com efeito, para sul do Arda, os relevos ultrapassam rapidamente os 600 metros até às superfícies aplanadas culminantes da Freita, serra que com do Arestal e da Arada integram as formas de relevo que limitam ao norte a bacia hidrográfica do Vouga (o maço da Gralheira). A serra da Freita ocupa assim, o sector mais ocidental do maço da Gralheira. Pode ser descrita como uma vasta área de planaltos pontuada por relevos residuais acima dos 1000 metros de altitude. Esta região insere-se, do ponto de vista das grandes unidades morfo-estruturais peninsulares, na **orla ocidental do Maço Antigo**, sendo a Gralheira (entre outros relevos vizinhos, como os do Montemuro e, em parte, o Caramulo) uma das plataformas de erosão que marcam o contacto do bloco hespérico com a orla mesocenozóica de abrasão litoral. Do ponto de vista geológico, a região do concelho de Arouca divide-se genericamente entre **zonas de xistos e granitos**, em zonas do **Complexo Xisto-Grauváquico**, usualmente considerado de idade câmbrica e pré-câmbrica superior e zonas formadas por granitos de orogenia hercínica, alcalinos ou mais geralmente de tendência alcalina, destacando-se ainda a grande mancha de quartzitos biotíticos que integram o maço de Arouca (Silva, 2004).

A faixa do complexo, gerada durante a 1ª fase de deformação Hercínica, é constituída por **ardósias, filitos e quartzitos**, sendo em toda a sua extensão bastante fossilífera. No núcleo desta faixa, ocorre uma bacia de idade carbonífera, responsável, 12 km para NO, pelas **minas de carvão do Pejão**, e ainda mais para NO, pelas minas de S. Pedro da Cova. No entanto, na região de Arouca, as rochas de idade carbonífera são praticamente escassas. Uma última referência aos ciclos de erosão da serra da Freita, que se definem em vários patamares. O nível inferior (300-350 metros de altitude) é de provável idade Pliocénica; este nível está representado, por exemplo, na bacia de Arouca, podendo ser apreciado do alto da Senhora da Mó, monte sobranceiro à vila (geologia.aroucanet.com).

A exploração da zona carbonífera do **Couto Mineiro do Pejão** foi de grande importância na região da bacia hidrográfica do Arda: *"Ao longo do seu curso, há restos de explorações mineiras de supostos vilões auríferos. Um pouco antes de alcançar o rio Douro, na velha aldeia fluvial de Pedorido, o rio entra na zona hulhífera do Pejão, cujas galerias antricitosas se situam no vale do Paraíso, entre os três picotos dominantes de Mont'Alto (450m), Almanzor (406m) e São Domingos da Queimada (423m)."* (FCG, 1985). A exploração oficial das Minas do Pejão iniciou-se em 1886, tendo sido encerrada em 1994 por ordem do Governo português. **O couto mineiro do Pejão incluía as minas de Germunde (freguesia de Pedorido), Folgoso (freguesia de Raiva) e minas do Pejão e do Fojo (S. Pedro do Paraíso), todas no concelho de Castelo de Paiva.** *"Em S. Domingos de Queimada (Raiva, Castelo de Paiva), nas margens do rio Arda, ressaltam-se as Fontainhas, um depósito de carvão das minas do Pejão, transportado por uma pequena*

linha férrea, de 20 km, ao longo das margens do rio Arda" (FCG, 1985) desde as minas ao depósito-cais de Germunde, no rio Douro, um pouco a jusante da confluência com o Arda. O carvão destinava-se à central da Tapada do Outeiro, na freguesia de Medas, no concelho de Gondomar, para a produção de energia eléctrica.

O Arda, formado na veiga de Arouca pela confluência de inúmeros ribeiros, designadamente, o Marialva e a ribeira de Silves, a que se junta pouco depois o **Urtigosa**, que desce de Sul pelas encostas de Rossas, apresenta ao longo do seu curso um caudal mais modesto em relação ao Paiva, apesar da multiplicidade de linhas de água que a ele afluem. É possível estratificar a **natureza dos solos** no concelho de Arouca. O fundo do concelho (incluiu São Miguel do Mato, Fervedo, Escariz, Chave e Mansores) apresenta **solos derivados de granitos e xistos**; o vale (que inclui as freguesias de Tropeçô, Rossas, Várzea, Urrô, Burgo, Arouca, Santa Eulália e várzea de Moldes) corresponde a terras de meia encosta e do vale do Arda, com **solos derivados de granitos e de aluvião, compactos, fundos e férteis**; a encosta do Paiva (essencialmente Canelas, Espiunca e as zonas baixas de Janarde e Covelo) possui solos derivados de xistos atravessados por camadas de Silúrico e de Carbónico, com terras geralmente pouco fundas, o planalto de Alvarenga (zonas de menor altitude desta freguesia e Vila Viçosa) apresenta solos derivados de granito e de aluvião, e por fim, a zona serrana, englobando na sua totalidade, as freguesias de Albergaria e Cabreiros, bem como os patamares superiores de Janarde, Covelo, Alvarenga e das freguesias do Vale, detém solos relativamente delgados e derivados de xistos e granitos, com utilização preferencial para mato e floresta (Silva, 2004).

Este zonamento coincide genericamente com o que decorrer da observação da carta de solos e da sua aptidão respeitantes à região, verificando-se, na verdade, que a maior parte do concelho de Arouca é constituído por **regossolos úmbricos sem aptidão agrícola e com vocação pouco representativa mesmo para utilização florestal ou silvo-pastoril**. Significativas **manchas de antrossolos cumúlicos** permitem uma aptidão agrícola moderada ou marginal na bacia do Arda, na concha de Alvarenga e no Sudoeste do fundo do concelho, restringindo-se a uma estreita faixa na várzea de Arouca, nos fundos dos vales sedimentares que marginam o Arda, o Urtigosa e a ribeira de Moldes os solos agrícolas de classe 1, considerados de aptidão agrícola para o cultivo. O concelho de Arouca é uma bacia interior, fechada entre duas serras e limitada por vales abruptos onde os solos agrícolas não atingem 10% da área total, dos quais aliás apenas cerca de 3% são solos de primeira qualidade, possuindo a restante área agriculturável capacidade condicionada, dado tratar-se de socalcos armados em declives com mais de 8% de pendente (Silva, 2004).

A cartografia das Zonas Críticas de Erosão Hídrica do Plano de Bacia Hidrográfica do rio Douro destaca todo o percurso do **rio Arda** como **zona crítica de erosão hídrica**, susceptíveis de provocar maiores

taxas de produção de sedimentos, por se situar em zonas de relevo mais acidentado, ao longo das principais linhas de água (muito encaixadas) (INAG, 2001).

Relativamente à **organização administrativa da bacia do rio Arda**, esta atravessa territórios dos concelhos de Castelo de Paiva e Arouca. O concelho de **Arouca**, a montante da bacia hidrográfica, abrange uma área de 327 Km², situa-se no extremo NE do distrito de Aveiro. O concelho é composto por 20 freguesias, onde habitam cerca de 24 000 habitantes (Censos 2001). Arouca faz parte da subregião estatística (NUT III) **Região de Entre Douro e Vouga**, composta por parte da Região Norte e do Distrito de Aveiro; por alguns, chamada "**Terras de Santa Maria**". Confina a Norte com o Grande Porto e o Tâmega, a Este com o Dão-Lafões e a Sul e a Oeste com o Baixo Vouga. A região de Entre Douro e Vouga abrange os concelhos de **Arouca**, Oliveira de Azeméis, Santa Maria da Feira, São João da Madeira e Vale de Cambra, numa área correspondente a 859 km² e uma população residente de 276 814 habitantes (Censos 2001). Mais recentemente, Arouca integrou a Grande Área Metropolitana do Porto. A Área Metropolitana do Porto e a Região de Entre Douro e Vouga integram-se numa região mais vasta: a **Região de Entre Douro e Minho**, localizada no Noroeste de Portugal Continental e que abrange os distritos de Viana do Castelo, Braga e Porto e ainda alguns concelhos dos distritos de Vila Real (Mondim de Basto e Ribeira de Pena), Viseu (Cinfães e Resende) e Aveiro (Espinho, Feira, Arouca, Oliveira de Azeméis, S. João da Madeira e Vale de Cambra).

Por sua vez, o concelho de **Castelo de Paiva**, a jusante da bacia hidrográfica do Arda, integra a região do **Vale do Sousa**, subregião do **Tâmega**, com uma área de 114,67 km² e 16 968 habitantes (Censos 2001), subdividido em 9 freguesias. A subregião do Tâmega faz parte da Região Norte e integra concelhos dos distritos do Porto, Vila Real, Viseu e Aveiro. É limitada a Norte com o Ave e Trás-os-Montes, a Este com o rio Douro, a Sul com o Dão-Lafões e o Entre Douro e Vouga e a Oeste com o Grande Porto. A sub-região do Tâmega abrange uma área geográfica de 2 629 km² e uma população de 551 301 habitantes (Censos 2001). Compreende 14 concelhos: Amarante, Baião, Castelo de Paiva, Cinfães, Felgueiras, Lousada, Marco de Canaveses, Celorico de Basto, Mondim de Basto, Paços de Ferreira, Paredes, Penafiel, Resende e Ribeira de Pena.

Relativamente à **história** da região, a bacia do rio Arda desenvolve-se em **terras de Arouca e Paiva**. Segundo Américo Costa (1930), quando os mouros invadiram a orla ocidental da Península Ibérica, em 716, já em Arouca havia duas paróquias: Santo Estevão do Vale de Moldes e S. Pedro do Vale de Arouca. Durante a ocupação muçulmana, possuíam em Arouca um acampamento permanente, num monte chamado Crasto. Repelidos no séc. IX, voltaram de novo em 997, sob a chefia de Almanzor, tendo

Arouca sido devastada e dizimada. Logo que a ocupação moura se deslocou para Sul, o convento de Arouca foi reedificado. Nos começos do séc. XII, Arouca foi o teatro de novas lutas, desta vez, travada entre o Conde D. Henrique e o rei mourisco de Lamego. O combate ter-se-ia travado parte no campo (talvez em Burgo) e parte da Serra Seca), tendo terminado com a derrota das forças agarenas. O rei de Lamego, feito cativo, teria sido tão agradecido pelo tratamento recebido que se converteu ao cristianismo e recebeu de novo o senhorio de Lamego, como vassalo do conde. A escritura dessa dívida foi passada em Guimarães em 1102 e foi testemunhada pelos senhores de Coimbra, Viseu, de Santa Maria e Riba Minho. Este último era Egas Moniz. O primeiro convento, da ordem beneditina, foi fundado no Vale de Arouca nos princípios do séc. VIII (ou seja, na época da invasão mourisca) por dois nobres visigodos, Lederico e Vandilo, como refúgio. Nos meados do séc. X, o convento passou a ser pertença do abade Hermenegildo e, em meados do séc. XIII, entra em corrupção. No seu regresso de Castela, a **Rainha Santa Mafalda**, após a anulação do seu casamento com Henrique I, rei de Castela imposta pela Cúria romana e precocemente viúva, solicita ao bispo de Lamego, D. Paio, autorização para transferir o convento para outro lugar, mudar-lhe o padroeiro e a disciplina. A nova regra passou a ser de S. Bernardo, por ordem do Papa Honório III, desde então reservado para recolhimento de freiras cistercienses. Desse segundo mosteiro, românico, não há senão algumas relíquias arquitectónicas (restos do claustro), posteriormente restauradas já no séc. XX. Durante as Invasões Francesas, a defesa da vila foi confiada a um heróico oficial, destacado do quartel guerrilheiro estabelecido em Alvarenga, de nome Luís Paulino Pinto de França. Este oficial, depois promovido a general, organizou a defesa da vila de Arouca no estrangulamento do rio Arda, desde os pendores de Rossas até à Ponte do Carvalhal e tendo sido bem sucedido, obrigou à desistência do destacamento napoleónico enviado pelo Duque de Dalmácia e posterior abandono das suas tropas do Vale de Arouca (FCG, 1985).

O actual concelho de Arouca resultou da anexação ao velho concelho e couto de Arouca, que constitui o "*território Arouca*" (de que já se fala em 1054), formado em volta do castro de Arouca "*subtus mons Faste et de alia parte Serra Sica discurrente ribulo Aarda prope castro Arauca*"; do concelho de Alvarenga, que era constituído pelo "*território Alvarenga*"; do concelho de Burgo de Vila Meã, a que D. Mafalda, em Maio de 1229 deu foral; de parte do concelho de Fervedo, que pertenceu ao "*território portucalense*" e das freguesias de Covelo de Paivô, do "*território Lafões*" e de Espiunca, do "*território Paiva*" (Silva, 2004).

Na Idade Média (séc. IX-XI), **Castelo de Paiva** fazia parte do território da **Anégia** (actualmente, **Vale do Sousa**) que fazia fronteira com os territórios da Feira, Lamego e Portucale. Só a partir do séc. XI, e com a reconquista definitiva da região é que se começa a forjar a verdadeira identidade da desde então chamada "Terra de Paiva", sob uma mesma autoridade administrativa, judicial e militar. O concelho é herdeiro da antiga honra de Sobrado (Payva de Riba Douro) e D. Manuel I concedeu-lhe o foral a 1 de Dezembro de 1513. Inicialmente, o concelho era designado apenas por "Paiva". Essa designação vem já

de tempos muito antigos, tendo sido encontrada num documento datado do ano de 883 (www.cm-castelo-paiva.pt).

Na região de Entre Douro e Minho, a qual integra o concelho de Arouca e Castelo de Paiva, há predominância para a **prática da agricultura**, em explorações de dimensão inferior a 1 ha, ou entre 1 e 5 ha. A Superfície Agrícola Utilizada (SAL) da região é de 232 260 ha, dos quais 41% são terra arável, 0.9% de hortas familiares, 12% são culturas permanentes e 46% são pastagens permanentes (INE, 2001). No concelho de Arouca, têm maior relevância as culturas agrícolas temporárias (4172 ha), os **cereais para grão** (1076 ha) e as **culturas forrageiras** (2823 ha) (INE, 2007). As culturas permanentes e a vinha ocupam 444 ha e 312 ha, respectivamente. No concelho de Castelo de Paiva, as culturas permanentes ocupam 345 ha de área plantada e a vinha cerca de 291 ha. Também o olival tem uma expressão significativa neste concelho (45 ha). Quanto às culturas regadas, predominam nos dois concelhos a plantação de **milho regional**, **milho híbrido** e **batata**. Em Arouca, também são abundantes as plantações de milho para silagem (INE, 2001). A **produção vinícola** é extremamente importante no concelho de Castelo de Paiva. Em 2006, a produção de vinho foi cerca de 10 420 hl (INE, 2007).

Relacionada com a actividade agrícola, está a pecuária, muito importante na região de Arouca. No que diz respeito à **exploração de bovinos**, Arouca tem o maior número de explorações (1264), com cerca de 7357 efectivos, enquanto em Castelo de Paiva, o número de explorações é menor (263), com 1028 efectivos. A **exploração de ovinos** também é uma actividade significativa na economia dos dois concelhos: Arouca tem 393 explorações com 3453 efectivos e Castelo de Paiva 404 explorações com 3092 efectivos. Em Arouca, a **exploração de caprinos** tem elevada expressão: cerca de 271 explorações com 4582 efectivos, comparativamente com Castelo de Paiva (INE, 2001).

Os concelhos de Arouca e Castelo de Paiva têm **densas manchas de floresta** no seu território. Arouca é o concelho com **maior área florestal** da Grande Área Metropolitana do Porto, o que torna esta região mais afectada à **ocorrência de incêndios florestais**. Em 2006, ocorreram em Castelo de Paiva cerca de 109 incêndios florestais, com uma área ardida total de 1 012 ha, na sua quase totalidade povoamentos florestais. Em Arouca, verificaram-se a ocorrência de 266 fogos florestais, num total de 8 984 ha, 84% dos quais povoamentos florestais (INE, 2007).

Nas águas do rio Arda, têm sido frequentes casos de **poluição**. A **poluição industrial** do Arda passa pelo potencial poluente das serrações e fábricas de papelão que utilizam o rio e nele lançam os seus efluentes. No que diz respeito à poluição urbana, a inexistência de povoações importantes ao longo do rio põe de parte qualquer preocupação neste sentido, exceptuando a vila de Arouca na nascente do rio, fruto

da reunião de 3 ribeiros, um dos quais recebe alguns esgotos provenientes da vila e o pequeno aglomerado junto da sua foz. Ainda no que diz respeito ao rio Arda, destaca-se a poluição do **Ribeiro do Fojo**, proveniente das minas do Fojo, com **elevados níveis de ferro** depositados no seu leito, tornando-o incompatível com a vida aquática (Afonso e Carvalho, 1990). Algumas descargas foram observadas em Pedrido (Castelo de Paiva) com efluentes a ser despejados numa zona a 500 metros da foz do rio no Douro (www.moliceiro.com).

No que diz respeito à **qualidade da água superficial**, a estação em Foz do Arda, entre 2000 e 2005, esteve classificada como classe "B" (Boa) e "C" (Razoável), devido a **elevadas concentrações de nitratos**, oxigénio dissolvido e **fósforo total**, o que denota a presença de **poluição orgânica** (www.inag.pt). No Plano de Bacia Hidrográfica do rio Douro, são referidas as cargas poluentes médias anuais do rio Arda como um dos seus principais afluentes: 130 ton/ano de CBO₅, 225 ton/ano de Carência Química de Oxigénio (CQO), 131 ton/ano de Sólidos Suspensos Totais (SST), 11,02 ton/ano de fósforo e 35,77 ton/ano de azoto. Em relação à densidade de carga poluente total, o rio Arda tem 7,7 kg/ha.ano de CBO₅, 13,4 kg/ha.ano de CQO, 7,8 kg/ha.ano de fósforo e 2,1 kg/ha.ano de azoto (INAG, 2001). Pelos valores apresentados, constata-se a **elevada poluição orgânica** deste afluente.

O tratamento das **águas residuais** torna-se assim de capital importância para a diminuição da poluição orgânica, através de soluções adequadas de tratamento. Existem várias estações de tratamento de águas residuais (**ETAR**) projectadas para a bacia do rio Arda. Uma dessas estações será futuramente localizada **no lugar de Ribeira** (Rossas, Arouca), com a finalidade de servir uma população estimada de 15 mil pessoas, concentrada no vale de Arouca. Esta ETAR passaria a receber através de um emissário os efluentes da ETAR da Pimenta (entretanto desactivada) e **faria a cobertura de todo o vale de Arouca**, designadamente da vila e das freguesias do Burgo, Santa Eulália, Urrô, Rossas e Chave (www.arouca.biz).

Relativamente a **associações locais de defesa do ambiente** com intervenção no rio Arda, a **UrtiArda** (Clube do Ambiente e Património do Arda e Urtigosa) é uma associação juvenil de âmbito ambiental e local, fundada em 1999, com sede na freguesia de Rôssas, concelho de Arouca. De grande intervenção local desde a sua fundação, esta associação promoveu o **restauro de três moinhos tradicionais**, nas margens do rio Urtigosa em parceria com a Junta de Freguesia de Rossas, estabeleceu parcerias para a criação de uma Zona de Abrigo Temporário no rio Urtigosa e ribeira da Escalva, definiu um protocolo com as escolas locais para a realização de limpezas periódicas do leito e margens do rio e colaborar no repovoamento de trutas-fário, promoveu acções pedagógicas junto das populações ribeirinhas e das escolas através de prospectos, exposições fotográficas e reuniões periódicas e procedeu à instalação de um viveiro provisório de criação de trutas-fário para apoio ao repovoamento (rossas.aroucanet.com).

Uma referência ainda para a **Associação de Caça e Pesca do Vale do Rio Arda**, com sede no lugar de

Oliveira do Arda, freguesia da Raiva, do concelho de Castelo de Paiva, responsável pela gestão da criação de Zona de Caça Municipal (ZCM) do Vale do Rio Arda (Portaria nº 843/2002 de 12 de Julho) que abrange as freguesias de Raiva, Pedorido, São Pedro do Paraíso e Santa Maria de Sardoura, numa área de 5 216 ha.

A morfologia dos concelhos atravessados pelo rio Arda proporciona **ótimas condições para a prática de desporto**, como percursos pedestres, BTT, montanhismo, escalada ou rapel, numa perspectiva de turismo ambiental sustentável. O rio Arda oferece paisagens de grande beleza, permitindo ainda a prática de **desportos aquáticos**, como canoagem e rafting. Com o objectivo de aproveitar todo o potencial turístico e ambiental das linhas de água do concelho, a Câmara Municipal de Arouca tem realizado estudos para a valorização ambiental do rio Arda, a recuperação de alguns moinhos e a construção de ciclovias (www.futurosustentavel.org).

Património Cultural

Desde tempos remotos, o concelho de Arouca nasceu e foi-se desenvolvendo à sombra do seu Mosteiro, especialmente a partir da chegada a estas terras da Rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I, neta de D. Afonso Henriques. Terra de **vales férteis e profundos, cortados por vários rios e abraçados pelas serras**, desde cedo foram boas razões para a fixação de povoadamentos. Para além de uma terra de história, as serras e os rios de Arouca abraçam paisagens deslumbrantes, da natureza em estado puro às aldeias tradicionais, dos monumentos às casas antigas.

As **pontes sobre o rio Arda** não são um elemento arquitectónico de grande relevância para o estudo deste rio, porque têm uma construção simples e funcional, servindo muitas vezes como ligação entre lugares e freguesias mais inacessíveis dispostos nas vertentes abruptas ou margens do rio. A sua denominação decorre, na maioria dos casos, da proximidade a certas povoações.

Na vila de Arouca, existiam três pontões de cantaria, o da **Larandeira**, o da **Praça** e o da **Ribeira**. Próximo à vila tem uma ponte de cantaria lavrada, feita sobre a estrada real, em 1862 (Leal, 1873), das quais se desconhece a localização actual.

Segue-se depois a **Ponte de Burgo (Burgo, Arouca)**, situada num desvio da EN326, liga o centro da freguesia às povoações de Eiriz, Cruz das Eiras e Romariz. Localiza-se próximo de um moinho na margem direita. A montante desta ponte, o rio Marialva recebe as águas do Ribeiro de Gondim.

A **Ponte do Areeiro (Burgo, Arouca)** é uma ponte de cantaria lavrada, construída em 1864. Faz ligação entre os lugares da Boavista, Barreiros e Areeiro ao centro da freguesia. Encontra-se nas proximidades de três moinhos, dispostos nas margens do Arda, em pleno vale de Arouca.

A **Ponte do Rossado (Urrô, Arouca)** é uma ponte de cantaria lavrada, datada de 1864, que liga as povoações de Cela e Nogueiró ao centro da freguesia, com vista sobre o Vale de Arouca e nas proximidades de dois moinhos. Está próxima da Casa de Rossado, presumivelmente uma casa agrícola de propriedade privada.

A **Ponte de Zendo (Rossas, Arouca)** é uma ponte de betão ou alvenaria sobre a EN326 no lugar com o mesmo nome, e nas proximidades da **capela de Nossa Senhora do Rosário**. Junto a esta ponte, desagua outro afluente principal do rio Arda: o rio Urtigosa que tem várias nascentes e ribeiros secundários (o Ribeiro de Escaiba, por exemplo) que atravessam os lugares de Póvoa e Merujal daquela freguesia.

Em troços mais a jusante do rio, fortemente meandrizados e em encostas mais declivosas, podem ainda encontrar-se a **Ponte da Ribeira ou do Bogalho (Chave, Arouca)** em betão ou alvenaria sobre um desvio da EN326 que faz ligação da povoação da Ribeira ao centro da freguesia, atravessando as margens do rio Arda. Aqui o rio percorre vertentes muito encaixadas e meandrizadas. Tem dois moinhos, um em cada margem, junto à ponte.

A **Ponte do Carvalho (Mansores, Arouca)**, situa-se próximo do lugar com o mesmo nome, é uma ponte de pedra sobre o rio Arda, feita em 1760 (metade à custa do extinto concelho de Fervedo e metade à custa do concelho de Arouca), de um só arco.

A **Ponte de Cela (Mansores, Arouca)** é uma ponte em betão ou alvenaria sobre a EN326, junto da povoação com o mesmo nome, num troço muito meandrizado com vertentes de grande declive sobre o rio Arda.

No concelho de Castelo de Paiva, refira-se ainda a **Ponte do Arda (Paraíso, Castelo de Paiva)**, localizada na EN504, liga os lugares de Cela a Almansor, em Castelo de Paiva, num troço meandrizado e escarpado do rio Arda. A margem esquerda do Arda está coberta por densos matos e em larga extensão.

A **Ponte de Oliveira do Arda (Raiva, Castelo de Paiva)** é uma ponte em betão ou alvenaria situada em Oliveira do Arda sobre as margens aluvionares do rio Arda.

Finalmente, destaca-se as **Pontes da Foz do Arda (Pedorido, Castelo de Paiva)** que ligam os lugares da Costa e Concas, sobre a foz do rio Arda, na EN222, num troço final com margens mais alargadas. Esta ponte tem vistas sobre a paisagem deslumbrante do rio Douro e, defronte, a povoação de Rio Mau (concelho de Penafiel) e a foz do rio com o mesmo nome.

Na região de Arouca, a **água** tinha um **papel determinante** na vida das populações: regava os prósperos campos do vale do Arda e para o seu aproveitamento foram criados pequenos **diques**, denominados **açudes**, para regar os campos de milho, que assumiram nos últimos quinhentos anos um papel determinante na sobrevivência das populações da região. Na repartição das águas e na construção das levadas dos direitos adquiridos pelas famílias, surgiram uma série de normas jurídicas não escritas que eram aceites por toda a comunidade. Os consortes tratavam do arranjo das levadas e as águas eram transportadas a todo o vale num respeito por regras ancestrais tacitamente aceites. Do mesmo modo se zelava pelos açudes que encoravam as águas que tocavam os rodízios dos **moinhos**. Neles se moía a farinha, principalmente a de milho, que era ingrediente fundamental para a **confeção do pão de milho**, designado de **broa**. Dessa farinha também se alimentavam os suínos e se engordava uma das preciosidades genéticas do concelho de Arouca: a **vaca de raça Arouquesa**. O rio tinha pois um papel fundamental na vida da comunidade. Esta relação do homem com o rio, por ser tão natural e harmoniosa, fez com que estes cursos de água de montanha conservassem até aos anos mais tardios do século XX uma riqueza ímpar em termos de biodiversidade e riqueza cultural (rossas.aroucanet.com).

O **milho**, que constituía a base da alimentação na 2ª metade do século XX no vale de Arouca, continua a ser ainda hoje uma das principais culturas, e ao longo das margens dos rios Urtigosa, Marialva e Arda ainda existem diversas **azenhas**, umas recuperadas, outras em adiantado estado de degradação, onde se moía o grão colhido nas várzeas. Os **moinhos** são predominantes nas freguesias de Tropeçô, Urrô, Rossas, Várzea e Burgo, precisamente as freguesias integradas no vale de Arouca, onde se pratica uma **agricultura de minifúndio e de subsistência**, em que a cultura do **milho** se junta a **horticultura**, a **fruticultura** e a **vinha**. No rio Urtigosa, existiam no passado velhos moinhos de moer cereal, alguns deles

ainda em actividade (www.youngreporters.org). A **cultura do linho** teve uma importância fundamental até aos anos 40 do séc. XX, principalmente na freguesia de Rossas.

Do património arqueológico na bacia hidrográfica do rio Arda, salientam-se o Castro de Monte Valinhas e os monumentos megalíticos de Escariz. O **Castro do Monte Valinhas (Santa Eulália, Arouca)**, edificado no cume do monte que lhe deu nome (448 m de altitude), situado nas proximidades de Santa Eulália, a Norte da vila de Arouca, é um lugar privilegiado em termos estratégicos, com vistas sobre todo o vale de Arouca, razão pela qual foi elevado por sucessivas comunidades ao longo de vários séculos, desde a Proto-História até à Idade Média desta região. As escavações arqueológicas que têm sido ali realizadas, ainda insuficientes, não deixam dúvidas quanto à existência de um castro habitado desde o início do primeiro milénio a.C., bem como relativamente à existência de um castelo medieval. Este local estratégico terá subsistido até ao final do século XII e princípio do XIII e as escassas escavações realizadas têm posto a descoberto importante espólio arqueológico de diferentes períodos e ocupações da ocupação humana naquele local. O fim das invasões levou à desocupação deste local estratégico de defesa e a romanização foi empurrando as populações para os vales férteis, pelo que existe no sopé do monte um lugar chamado Crasto, de origem muito antiga, muitas vezes referido em documentação medieval.

Do espólio encontrado no Castro de Valinhas sobressaem, pela quantidade, escórias de ferro que fazem prever a existência de uma fundição, de milhares de fragmentos de cerâmica de várias épocas, e também de vidro. Pela raridade, sobressaem fragmentos de lâminas de facas, pontas de seta e moedas romanas, contas de colar e mós circulares. O achado arqueológico mais significativo é, no entanto, um alfinete de vestuário de prata dourada, datado dos séculos I a III. Está em vias de classificação desde 1996 (www.ippar.pt).

O lugar da **Malafaia** (Várzea, Arouca) é também um sítio arqueológico que tem vindo a ser explorado, com origem num casal agrícola com ocupação tardo-romana e alti-medieval que poderá estender-se até aos sécs. VII e VIII. Também o lugar de **Cividade** (Roças/Urrô, Arouca) é um sítio de elevado potencial arqueológico, constituído por um povoado de altura, com grande dominância visual e controle efectivo sobre o vale de Arouca. Nele foram detectados vários vestígios arqueológicos, como por exemplo, cerâmicas datadas do Bronze Final e, ao que parece, o talude de uma muralha, estando a decorrer estudos que permitam uma melhor caracterização da cronologia e natureza do sítio (Silva, 2003).

A freguesia de **Escariz** é, de todo o concelho de Arouca, aquela onde os **monumentos megalíticos** se apresentam mais concentrados (cerca de 40). Numa linha de orientação NNW-SSE, com cerca de 10 km, os monumentos megalíticos são túmulos funerários que datam do 5º milénio até finais do 2º milénio a.C.. As **mamoas** que compõem os vários núcleos megalíticos da região apresentam, por vezes, **pinturas** e

gravuras (ex: Mamoa I da Aliviada). Dos 40 monumentos já inventariados, procedeu-se, na época de 80, à escavação dos seguintes: 1983 - Mamoa I da Aliviada; 1984 - Mamoa II da Aliviada; 1985 - Mamoa I de Alagoas, Mamoa I do Calvário. Os monumentos estudados revelaram um espólio abundante e de boa qualidade, compreendendo em pedra lascada, microlitos geométricos, pontas de seta, lâminas e lamelas; em pedra polida, machados. Encontram-se ainda elementos de moinho manual, assim como lascas em sílex e quartzo. A cerâmica, embora abundante, apresenta-se no geral muito fragmentada, impedindo qualquer reconstituição das formas. Existem também alguns elementos de adorno, constituídos por pequenas pontas de xisto (www.rotadaluz.pt).

Dos monumentos megalíticos de Escariz, salienta-se o chamado **Dólmen de Escariz** ou **Dólmen da Aliviada**, construído durante o Neo-calcolítico desta região de Arouca. Situado junto à EN519, este sítio megalítico apresenta uma câmara sepulcral alongada, de planta sub-rectangular voltada para SSE, constituída por nove esteios graníticos, numa área onde se erguem duas outras mamoas, ou *tumuli*. A principal característica deste dólmen residirá, no entanto, na superfície de sete dos nove esteios que compõem a câmara, por apresentarem gravuras e pinturas com motivos predominantemente ondulados e geométricos, enquadradas no que é geralmente entendido por **arte megalítica** do Norte de Portugal originada na **primeira metade do III milénio a. C.**, de difícil interpretação. Os especialistas relacionam ora com o **culto ofiolático** (das serpentes), ora com a **representação de linhas de água purificadoras**, como uma força regeneradora e revivificante. Está classificado como Monumento Nacional desde 1992 (www.ippar.pt).

O vale de Arouca, que abrange as freguesias de Rossas, Várzea, Burgo, Santa Eulália e Arouca, contém um **património religioso riquíssimo**, sobretudo, **igrejas, mosteiros e capelas** com as suas **festas e romarias**, que manifestam a grande religiosidade das suas gentes, ligadas às tradições rurais que se perdem em tempos imemoriais.

A **Capela da Mó (Arouca)**, situa-se a 8 km da vila, está implantada no topo de **Monte da Senhora da Mó** a cerca de 700 m de altitude, num recinto denominado Parque Augusto P. Magalhães. No Monte de Senhora da Mó, têm nascente várias linhas de água afluentes do rio Marialva (mais a jusante, designado de rio Arda) e do rio Paivô (entre elas, a Ribeira de Moldes). Dominante sobre o vale de Arouca pelo lado NE, a primeira referência a esta capela data de 1546, através de uma carta do rei D. João III sobre a exclusividade do privilégio da caça concedido ao Mosteiro de Arouca, onde menciona a "*casa de nosa senhora damoa*" (www.roteirosdaagua.com). Surgiu, como conta a lenda, em memória de um cristão, devoto à Nossa Senhora, fugido à escravidão dos Mouros no Magrebe. Nesta capela, de contornos muito

característicos e que se presume ser do séc. XVI, destaca-se, no seu interior, a escultura da Virgem com o Menino, gótica do século XVI, e uma pintura do século XIX que reproduz a lenda (www.rotadaluz.pt). O adro é pavimentado com pedras de xisto e cimento. As encostas do monte definem declives muito acentuados e encontram-se revestidas de denso eucaliptal (*Eucalyptus globulus*), encontrando-se na envolvente da capela algumas áreas agrícolas. A romaria à Senhora da Mó realiza-se a 7 e 8 de Setembro.

O **calvário, púlpito e alminhas de Arouca**, localizam-se na Rua Dr. Figueiredo Sobrinho, sobre um maciço granítico, formando numa pequena elevação de cerca de 320 m, isolados em relação ao casario campestre. Inserem-se num contexto urbano, junto à **Capela da Senhora do Carmo** (também conhecida como a Capela do Espírito Santo), a Norte da vila de Arouca e a poente do Monte e Capela da Senhora da Mó. O **Calvário de Arouca** designa, na realidade, um conjunto de **seis cruzeiros seiscentistas, em granito**, erguidos num maciço rochoso, no cimo da antiga rua da Arca. Junto das cruzes, estão ainda implantados um púlpito em granito, e um nicho. O conjunto é completado por três outros cruzeiros, de factura semelhante, dispersos por vários arruamentos, compondo uma Via Sacra que incluía o vizinho Mosteiro de Arouca e terminava aqui.

Os cruzeiros são compostos por altos pedestais quadrangulares, sobre os quais se elevam pilastras encimadas por capitéis de secção quadrada, suportando singelas cruzes latinas, em granito. O púlpito é cilíndrico, assentando numa base também cilíndrica mais estreita, por sua vez levantada sobre uma plataforma quadrangular. O acesso faz-se através de uma pequena escadaria com cinco degraus. O nicho, ou alminha, possui vão de arco redondo, e é rematado por uma pequena cruz. O Calvário e a Via Sacra foram erguidos pela Confraria do Senhor dos Passos, instituída na Igreja (hoje Capela) da Misericórdia de Arouca, em 1621. Esta irmandade organizava, desde 1626, a procissão da mesma invocação, que partia do referido templo durante as celebrações da Quaresma, terminando na Capela do Espírito Santo, junto do Calvário. O cruzeiro central (restaurado) possui a data de 1627 inscrita no pedestal, estando o púlpito, por sua vez, datado de 1643. A procissão saiu nos mesmos moldes até 1855, ano em que se passou a chamar de Procissão do Senhor Morto. Ainda hoje se efectua este cortejo, também conhecido por procissão dos Fogaréus, na Quinta-Feira Santa. As restantes cruzes da Via Sacra encontram-se junto ao Mosteiro de Arouca, na Rua de Santo António, e na via de acesso ao Calvário, junto a uma casa senhorial. Não se encontram incluídas na classificação, embora façam parte do mesmo conjunto monumental. Está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1948 (www.ippar.pt).

A **Capela de S. Pedro (Arouca)**, no lugar com o mesmo nome. É um simples templo gótico, do século XVI. Foi restaurada em 1988 (www.cm-arouca.pt).

O **Mosteiro de Santa Maria de Arouca, o túmulo de Santa Mafalda e Igreja Matriz de São Pedro de Arouca (Arouca)** localizam-se no Largo de Santa Mafalda. Segundo a documentação existente, o antigo Mosteiro de São Pedro data do século X (período pré-românico). No ano de 1210, o mosteiro é legado a D. Mafalda, por seu pai, D. Sancho I, Rei de Portugal, através de carta de couto, definindo o carácter de centralidade na vida política e administrativa da região.

Materialmente, foram muitas as dádivas do erário de D. Mafalda que transitaram para o domínio do convento e terá sido por sua vontade que a comunidade monástica adoptou a regra de São Bernardo, já no século XIII, sendo como mosteiro cisterciense da ala feminina que se registaram os principais passos da sua história. O mosteiro de Arouca viveu período de grande prosperidade económica que, de algum modo, se reflectiu na procura de peças artísticas de grande qualidade, boa parte das quais ainda se mantêm.

De fundação medieval crendo-se que ainda românica, o conjunto, alvo de incêndios, reconstruções e ampliações, data de finais do século XVII aos últimos anos do século XVIII. Em 1886, com a morte da última freira, o Mosteiro foi extinto e todos os seus bens transitaram para a Fazenda Pública. Abre-se, então, uma era de utilizações diversas para este amplo conjunto edificado, mantendo-se, contudo, o espólio artístico, recolhido no Museu de Arte Sacra, entretanto, aí instalado.

De edifício do mosteiro, merecem destaque o **claustro**, a **sala do capítulo**, a **cozinha**, a **Igreja Matriz de S. Pedro de Arouca** e o **coro das freiras** (www.ippar.pt). A igreja de nave única, tem um claustro em estilo neoclássico que começou a ser construído em finais do século XVIII. Na igreja, destaca-se o trabalho de talha dourada do **coro**, belo exemplar do barroco nacional; o **órgão monumental**, ao estilo D. João V (www.rotadaluz.pt); o grande **cadeiral**, o magnífico **retábulo**, do estilo joanino, e na capela-mor, o **túmulo da Rainha Santa Mafalda** e inúmeras obras de pintura e escultura. Está classificado o conjunto como Monumento Nacional desde 1910 (www.ippar.pt).

O **Pelourinho de Arouca (Arouca)** situa-se no Largo Brandão de Vasconcelos, em pleno centro histórico, junto à igreja do Mosteiro e à antiga Casa da Câmara. Os pelourinhos eram, por um lado, símbolos do poder municipal, e por outro, serviriam como locais de aplicação da justiça na Idade Média. A construção do pelourinho resultará, muito provavelmente, da concessão da carta de foral de D. Manuel, em 1513, ao concelho de Arouca. O actual pelourinho de Arouca resulta de uma reconstrução, uma vez que o monumento foi desmontado em finais do século XIX, sendo então guardado nos claustros conventuais, onde permaneceu durante cerca de um século. O trabalho de reconstrução realizou-se em 1989, tendo sido instalado em local próximo do primitivo.

Sobre soco de três degraus hexagonais, de parapeito, e de factura moderna, levanta-se o conjunto da base, coluna e remate. A base da coluna é circular, e o fuste é cilíndrico e liso, sendo ambos igualmente feitos de novo em 1989. O remate, assente directamente sobre a coluna, aproveita peças originais,

constando de um capitel de cesto decorado com dois escudetes ligados por fitas ou cordames, encimado por esfera armilar de bom tamanho e talhe. O monumento original teria três escudetes no capitel, a espaços iguais, e pelo menos duas esferas armilares na base. Está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1933 (www.ippar.pt).

A **Capela da Santa Casa da Misericórdia de Arouca (Arouca)** situa-se no fundo da Praça Brandão de Vasconcelos, mesmo no centro histórico da vila. A importância do Mosteiro de Arouca foi determinante para o desenvolvimento da vila, bem como de toda a região do vale de Arouca. Em 1513, D. Manuel concedeu foral à povoação, que assim se tornava sede de concelho. Cerca de cem anos mais tarde, a povoação local constituiu a Misericórdia de Arouca, seguindo o exemplo de muitas vilas do país, que através deste tipo de irmandade constituíam mecanismos de assistência social e religiosa. Fundada em 1610, a confraria iniciou pouco tempo depois, em 1612, a construção de uma igreja própria, situada na praça principal da vila. O templo, de planta rectangular disposta longitudinalmente, apresenta uma estrutura de pequenas dimensões, que contrasta com a riqueza do programa decorativo interior. É de destacar a unicidade do conjunto, uma vez que a estrutura original seiscentista, que inclui o conjunto azulejar. A campanha barroca executada no final do século XVIII, que contemplou o arco do altar do Senhor dos Passos e a cobertura pintada da nave, integrou-se de forma harmoniosa com a estrutura já existente. A fachada apresenta ao centro portal de arco pleno, inserido num alfiz com colunelos simples e pináculos. No friso foi inscrito "DEVOTI - FECERE - AN - 1612", indicando a data de edificação do templo. O conjunto é encimado por um óculo, sobre o qual esculpiram o escudo de Portugal. Do lado direito da fachada foi edificada a torre sineira. O espaço interior do templo é composto por uma única nave, cujas paredes são totalmente revestidas por painéis de azulejos de padrão azuis e amarelos, executados na 1ª metade do século XVII. O tecto do templo é composto por 45 caixotões de madeira, decorados com pinturas representando temática mariana, os Evangelistas, os Apóstolos e Doutores da Igreja, e temática da vida de Cristo. Do lado do Evangelho, foi edificada a **Capela do Senhor dos Passos**, em talha dourada e policromada, e no espaço fronteiro foram colocados o púlpito, também de madeira policromada, e a tribuna dos mesários. À semelhança do que sucedia em muitas igrejas de misericórdia edificadas no século XVII, o espaço da capela-mor é diferenciado apenas por um desnível do chão. O retábulo-mor, de modelo maneirista, divide-se em dois registos, o primeiro albergando três tábuas pintadas com temas marianos, a *Anunciação*, a *Visitação* e a *Creche*, e dois nichos com estatuária, o segundo com cinco pinturas, a *Virgem com São João*, *Santo António*, *São Francisco*, e duas com temas da *Paixão de Cristo*, também em tábua, e um crucifixo. A estrutura é decorada com relevos de motivos de grotesco. Está classificada como Imóvel de Interesse Público desde 1959 (www.ippar.pt). Defronte da capela, existe um fontanário em pedra trabalhada com quatro bicas e pia octogonal, edificado em 1901.

O **Memorial de Santo António do Burgo ou Arco da Rainha Santa (Santa Eulália, Arouca)** localiza-se na EN 326, no lugar de Santo António, na margem direita do rio Marialva. Também chamado Arco da Rainha Santa, é de traça românica e a sua construção deve pertencer ao século XII. Ergue-se num pequeno adro fronteiro à capela paroquial, composto de arcada granítica destinada a assinalar o local onde terá sido depositado o corpo da Rainha Santa Mafalda, filha de D. Sancho I. Assente em pedestal, de planta rectangular, com quase cinco metros de altura, o arco, de volta perfeita simples, com pouco mais de dois metros de diâmetro, apresenta-se rasgado (através de duas frestas com besantes) superiormente e finalizado com cruces nos flancos e componente cilíndrico. Quanto à decoração, predominantemente geométrica e vegetalista, ela surge nas molduras exteriores e intradorso da arquivolta, assim como na empena apoiada por duplos colunelos de fuste liso e capitéis lavrados com componentes antropomórficos. Está classificado como Monumento Nacional desde 1910 (www.ippar.pt).

A **Capela de Santo António (Santa Eulália, Arouca)** é uma singela capela na margem direita do rio Arda, junto à EN326, próximo do Memorial de Santo António de Burgo. Diz a tradição que a construção desta capela foi em celebração da batalha inventada por Frei Bernardo de Pinto, entre o conde D. Henrique e Egas Moniz de um lado e Echa Martim, rei de Lamego, em 1102, do outro (Pereira, 1990).

A **Torre dos Mouros (Burgo, Arouca)** situa-se na **Quinta de Lourosa** ou **Quinta da Torre**, no lugar de Lourosa de Campos. É uma reconstrução do século XIV, com planta quadrangular, de estilo gótico e uma cisterna (actualmente aterrada), com seteiras e uma inscrição ainda por decifrar. Visava a vigilância de terras cultivadas (www.cm-arouca.pt).

O **Pelourinho do Burgo (Burgo, Arouca)** localiza-se na EN326, junto à Capela de Santo António, no lugar com o mesmo nome na margem direita do rio Marialva. Coroando um longo historial de privilégios concedidos às terras junto do vetusto Mosteiro de Arouca, o pelourinho terá sido mandado erguer depois da atribuição do respectivo foral em 1229 pela Rainha Santa Mafalda a este lugar, outrora chamado Vila Meã ou Burgo Novo, por oposição ao Burgo Velho, situado à volta do Mosteiro. Assim começou a autonomia deste pequeno concelho, situado na envolvente. Em Dezembro de 1817, seiscentos anos depois da atribuição da Carta de Povoação, esse pequeno concelho foi extinto e anexado ao de Arouca. Este pelourinho é o único legado que ficou de Vila Meã de Burgo (www.roteirosdaagua.com). Construído em data incerta, foi apeado no início do século XX, na sequência das obras de alargamento da EN326. Trata-se de um singelo pelourinho de bola, constituído por uma base prismática, de secção octogonal e com faces lisas, fuste de secção circular liso, capitel composto por três molduras circulares, boleadas, de secção crescente, e remate em esfera lisa. É semelhante, em linhas gerais, ao vizinho Pelourinho de

Cabeçais, provavelmente datado da primeira metade de Quinhentos, após foral manuelino de 1514. Está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1933 (www.ippar.pt).

A **Igreja de São Miguel de Urrô (Urrô, Arouca)** está inserida no vale de Arouca, em estilo românico, muito bem conservada (urro.arouca.net). A povoação de Urrô era curato de apresentação do Mosteiro de Arouca, possivelmente desde o século XII. Embora se desconheça a data de fundação da Igreja Matriz de Urrô, dedicada a São Miguel, é possível que a sua edificação tenha decorrido entre os últimos anos do séc. XII e o início do séc. XIII. O actual templo resulta de uma reedificação executada na 2ª metade do séc. XVI, embora o programa decorativo do espaço interior tenha sido executado já no séc. XVIII. A Igreja de São Miguel de Urrô é um pequeno templo maneirista, de linhas simples e austeras. A estrutura exterior é inspirada no estilo medieval. O frontispício do templo, onde foi edificado um simples portal de moldura recta sobreposto por uma janela, é precedido por um nártex onde foi edificado o campanário. Desta forma, foi criado um espaço avançado que antecede o corpo do templo, ligado a este por dois arcos laterais, formando um balcão atrás das sineiras. Interiormente, o espaço de nave única é precedido pelo coro-alto de madeira assente sobre duas colunas jónicas. Destaca-se o conjunto de retábulos de talha joaninos, dois colaterais e um colocado na capela-mor, possivelmente executados e edificados cerca de 1728, quando foi realizada uma segunda reforma da estrutura da igreja. Também de talha dourada é o revestimento do arco triunfal, onde foi colocada no fecho uma tela com a representação de São Miguel, o padroeiro do templo. Foi declarada Imóvel de Interesse Público em 1951 (www.ippar.pt).

A **Capela de Nossa Senhora da Lage (Urrô, Arouca)** localiza-se na envolvência da aldeia de Merujal, a 870 metros de altitude, em plena serra da Freita, onde nascem linhas de água afluentes do Rio Urtigosa. Localiza-se numa zona rural, com construções rústicas, um coreto, um cemitério anexo e um nicho inserido num penedo com a data inscrita de 1717. Na zona que se estende para Sudoeste e Sudeste, existem 13 cruzeiros de tipologia simples, representando freguesias dos concelhos de Arouca, Vale de Cambra e São Pedro do Sul. Provavelmente do séc. XVII (período barroco), a capela tem planta longitudinal, composta por nave única, capela-mor, sacristia adossada à esquerda, do lado Norte e alpendre adossado à fachada principal, do lado Oeste, volumetricamente distintos, com cobertura homogénea na capela-mor e sacristia e diferenciadas nos outros corpos em telhados de 2 e 3 águas (alpendre). No interior da igreja, destaca-se o arco triunfal ladeado por dois retábulos de madeira pintada a branco e ouro e o retábulo do altar-mor em talha dourada e branca com decoração de concheados. A romaria à Nossa Senhora da Laje realiza-se 3 vezes por ano a 3 de Maio, 15 de Agosto e a 8 de Setembro, sendo na primeira data chamada Festa das Cruzes porque os grupos de romeiros de cada uma das freguesias concentram-se junto do respectivo cruzeiro esperando a vez de se integrarem com as cruzes alçadas na procissão cujo itinerário percorria os 13 cruzeiros existentes (www.monumentos.pt).

A **Capela de Nossa Senhora do Campo, Santa Ana, Santo António e Espírito Santo**, conhecida apenas por **Capela de Nossa Senhora do Campo (Rossas, Arouca)** situa-se num pequeno outeiro no centro do vale de Arouca, atravessado pelo rio Arda. Foi mandada construir por Manuel José Ayres, no ano de 1792 (rossas.aroucanet.com). Segundo conta António de Almeida Brandão, no seu livro de Memórias *"em tempos já distantes, foi a região de Arouca fustigada por violentos temporais, que assolaram as culturas e não permitiam que as terras produzissem seus frutos"*, as *"chuvas torrenciais faziam transbordar rios e barrocos, mês após mês, inundando todos os campos, e os frios intensíssimos, queimavam as plantas que nada produziam"* e a *"fome batia já à porta de muitos lares e a situação apresentava-se aflitiva, pois nem os próprios animais escaparam às funestas consequências desta calamidade, que durou anos"*. *"Foi então que os crentes no poder de Nossa Senhora, se prostraram a seus pés, com o coração lanceado pela dor, e Lhe rogaram com muita fé e devoção, que os libertasse deste flagelo. Ao mesmo tempo fizeram o voto de Lhe dedicar uma capela e consagrar uma imagem, sob o glorioso título de Nossa Senhora do Campo, prometendo mais, fazer-Lhe uma festa no segundo Domingo de Agosto e distribuir abundantes esmolas pelos mais necessitados."* É assim que ainda hoje, no segundo domingo de Agosto de cada ano e em cumprimento da promessa então feita e que a lenda consagra, sai da capela de Nossa Senhora do Campo, que sucedeu ao pequeno templo primitivo, uma majestosa procissão, em que se incorporam as bandas de música, o povo canta em coro (rossas.aroucanet.com):

*"Em tempos que já lá vão,
Oxalá não voltem mais,
No vale faltou o pão,
Crescido em nossos trigais.*

*Nossa Senhora do Campo,
Dai-nos frutos, dai-nos pão;
E do vale aos seus flancos
Escutai nossa oração."*

A festa em honra de Nossa Senhora do Campo é uma referência cultural e religiosa e uma das festividades mais representativas do concelho arouquense.

A **Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Conceição (Rossas, Arouca)** localiza-se na margem direita do rio Urtigosa, afluente do rio Arda. É um belo exemplar de construção granítica de características românicas, datada da segunda metade do séc. XVI. Privilegiando a pedra, esta distribui-se pelos panos

de forma irregular, que são quase sempre cegos. O portal, clássico, interrompe a monotonia da fachada, como o campanário interrompe a linha da cimalha (www.roteirosdaagua.com).

A **Capela da Senhora do Rosário, São Domingos e Santa Bárbara**, conhecida como **Capela da Senhora do Rosário (Rossas, Arouca)** situa-se no lugar de Zendo, na margem direita do rio Arda. Foi construída nos anos 30 do séc. XX, por iniciativa do Padre Luís de Almeida Aguiar, que parouquiu a freguesia de 1911 a 1946, e substituiu a primitiva, erguida na mesma encosta, mas a uma altitude superior, de S. João em Provizende (rossas.aroucanet.com).

No vale de Arouca, a **tradição agrícola** manteve-se enraizada na **arquitectura, usos e costumes das casas rurais**, algumas delas brasonadas, típica dos sécs. XVIII e XIX. Hoje, algumas foram recuperadas e são utilizadas para turismo rural, perfeitamente enquadradas num ambiente rústico.

A **Casa da Lavandeira (Arouca)** situa-se na Rua Dr. Teixeira de Brito. Típica do séc. XIX, é uma casa de rés-do-chão com dois pisos. Tem pilastras em granito, sacada com ferro forjado e escada (em granito) que dá para o primeiro piso. Numa das paredes da casa, existe uma pedra onde está gravada o ano de 1592 (terá vindo de outro local da construção) (www.roteirosdaagua.com).

A **Casa dos Malafaias (Arouca)**, também conhecida como **Casa Grande**, situa-se na Rua Dr. Figueiredo Sobrinho (antiga Rua D'Arca), muito perto da Casa da Lavandeira. É uma casa brasonada do séc. XVIII que foi antiga quinta rural. A pedra de armas coloca-se no cunhal, com escudo francês, construído em pedra de Ança e elmo aberto voltado à direita, denunciando a posição social dos proprietários. Conserva ainda a capela, no flanco, e o cruzeiro (www.roteirosdaagua.com). Pertenceu à família dos Malafaias, Pereiras, Mascarenhas e Castros. Actualmente, é seu proprietário José Maria de Sá e Seabra (Pereira, 1990).

A **Quinta de Novais (Santa Eulália, Arouca)**, situada no lugar de Novais, é uma antiga casa agrícola de finais de séc. XVIII, cujos edifícios de apoio foram recuperados e reconvertidos no **Hotel Rural Quinta de Novais**. Com cerca de 25000m², mantém uma grande área de castanheiros, carvalhos e sobreiros, juntamente com o espaço verde e florido do jardim, tendo por horizonte a serra da Freita, formando um conjunto único (www.quintadenovais.com).

A **Casa de Eiriz (Burgo, Arouca)** localiza-se no lugar de Eiriz, é uma casa brasonada do séc. XVIII, construída em granito. Possui um escudo francês, com elmo aberto voltado á direita. Foi propriedade das

famílias Tavares, Teixeiras, Cabrais e CastelBranco. Pertence actualmente a Alberto Cabral Castelbranco (Pereira, 1990).

A **Casa do Burgo (Burgo, Arouca)**, situada a 2 kms da vila de Arouca, à margem da EN224, é uma casa brasonada do séc. XIX, situada na Rua do Burgo. Construída em granito, possui um escudo francês, com elmo aberto voltado à direita. Pertenceu às famílias Barbosa, Teixeira, Pinto e Fonseca. Em 18 de Julho de 1813, o proprietário desta casa - Bernardino António Teixeira Vaz da Fonseca Pinto - foi nomeado Capitão-Mor de Arouca. Presentemente, esta casa brasonada pertence ao Dr. José Augusto de Vaz Pinto (Pereira, 1990).

A **Casa de Santo António (Burgo, Arouca)** situa-se no largo de Santo António. É uma casa brasonada do séc. XVIII com escudo francês, coronel de nobreza, em granito. Pertenceu à família dos Mascarenhas, Tavares, Pereiras e Castros. Actualmente, é sua proprietária D. Catarina da Costa Dias (Pereira, 1990).

A **Quinta de Romariz (Burgo, Arouca)** situa-se no lugar de Romariz. É uma quinta brasonada do séc. XVIII. Pertenceu à família Ciães. Actualmente, tem vários proprietários (Pereira, 1990).

A **Quinta do Pomarinho (Burgo, Arouca)** localiza-se no lugar de Romariz, em pleno vale de Arouca. É uma casa agrícola do século XIX, que depois de recuperada, está destinada a **turismo de habitação**. Os espaços de outrora, deram origem aos quartos das castanhas, dos girassóis, das heras, dos miosótis e das rosas, relembrando os aromas e sabores do campo (www.quintadopomarinho.com). Tem mini-golf, campo de ténis e basquetebol e piscina.

A **Casa de Cela (Urrô, Arouca)** situa-se no lugar de Cela. É um solar do séc. XVIII, de valor arquitectónico, com casa principal, casa rural e capela joanina (www.casadecela.com). O brasão tem escudo francês, em granito, com elmo aberto voltado à direita. Pertenceu às famílias Sousa, Vasconcelos, Melo e Pinto. Actualmente, pertence ao Dr. Albano de Almeida Rebelo (Pereira, 1990). É uma **quinta de turismo de habitação**.

O vale de Arouca tem grandes tradições ligadas à agricultura e a gastronomia. A **doçaria conventual e regional de Arouca**, ligada ao Mosteiro de Arouca e às suas freiras, é um património riquíssimo que continua a ser transmitido de geração em geração, de que são exemplo, as **castanhas doces**, as **morcelas**, o **pão de S. Bernardo**, as **barrigas de freira**, o **manjar da língua**, as **rosas**, os **charutos de amêndoa**, o **pão-de-ló** e os **melindres** (Soares, 2007). A **raça bovina arouquesa**, de denominação de origem protegida e certificada desde 1998, é criada nas encostas serranas, alimentada à base de

vegetação natural que cobre essas encostas, facto que confere à sua carne, deliciosamente tenra, um inigualável sabor. A confecção desta carne é feita de várias formas, como a **vitela assada**, a **posta arouquesa**, a **costela arouquesa**, o **bife de Alvarenga**, entre outros (Soares, 2007).

A tradição histórico-cultural, associada ao Mosteiro de Arouca e sua padroeira, Rainha Santa Mafalda, traduz-se em várias lendas locais. Reza assim a **lenda sobre a Rainha Santa Mafalda e a fundação dos mosteiros de Arouca, Paço de Sousa e Paiva**: "*D. Mafalda, filha de D. Sancho I, nasceu em Coimbra a 1 de Maio de 1195 e casou com Henrique I de Castela, mais novo do que ela oito anos, em finais de 1214 ou princípios de 1215, tendo sido anulado pelo Papa Inocêncio III, antes dos meados de Julho de 1216. Dona Mafalda regressou a Portugal e recolheu-se em 1217 no Mosteiro de Arouca que lhe tinha sido deixado em testamento pelo seu pai. D. Mafalda faleceu em 1 de Maio de 1256, como consta do Livro dos Óbitos de Santa Cruz de Coimbra, em Arouca, não obstante a lenda a dizer falecida em Rio Tinto e o seu cadáver transportado numa mula e sempre que ela ajoelhasse, se faria um monumento: descreveram-se assim, um em Paço de Sousa, hoje identificado como de D. Sousino Alvares, outro, em Paiva, que tem um espada marcada, devendo ser de um cavaleiro, e outro no Burgo, chamado o Arco da Rainha Santa que é um monumento românico do séc. XII. Quando D. Mafalda entrou no Mosteiro de Arouca não lhe agradou a ordem existente, pelo que tratou de conseguir do Bispo de Lamego, D. Paio, autorização da mudança da Ordem de S. Bento para outra mais severa como era, nesse tempo, a de Cister, o que conseguiu em 1224 e por bulas de Honório III e de Inocêncio IV. O seu caixão foi aberto, pela primeira vez, em 1616, encontrando-se o seu corpo vestido de freira. (...) Muitas vezes se tem chamado Infanta a Dona Mafalda, quando lhe pertence legitimamente o título de Rainha. D. Mafalda nomeou seus testamentários a irmã D. Urraca, a sua parente D. Eldara, a abadessa de Arouca, ao prior dos dominicanos e ao guardião dos franciscanos e, por ela, se ter mandado sepultar no seu mosteiro de Arouca. Foi beatificada em 1792 pelo Papa Pio VI.*" (Pereira, 1990).

Mas existe uma **outra versão desta lenda**. "*A Rainha D. Mafalda viveu os últimos dias da sua vida no Mosteiro de Arouca, onde recebeu o hábito de monja, morrendo aos 90 anos durante uma cobrança de foros e rendas em Rio Tinto, segundo reza a lenda no primeiro de Maio de 1256. Nesse mesmo dia, os habitantes dessa terra queriam que D. Mafalda fosse sepultada nessa mesma terra, mas em Arouca discordavam, porque era no mosteiro que ela vivia e na sua igreja deveria repousar o seu corpo para sempre. Estava a discórdia instalada quando alguém se lembrou de dizer que, se pusesse o caixão em cima da mula em que a Infanta costumava viajar, e para onde o animal se dirigisse seria o local onde seria sepultada. A mula passou por Alpendurada, Castelo de Paiva e pelo lugar de Santo António, na freguesia de Santa Eulália, já no concelho de Arouca. Durante todo o percurso, a mula não teve dúvidas e apenas parou junto da porta principal do Mosteiro de Arouca, e aí aguardou que lhe retirassem a carga.*

Quando isso aconteceu, o animal caiu para o lado, morto de cansaço. Então, as freiras inumaram o corpo da que se tornou padroeira de Arouca no chão da igreja e enterraram o cadáver da mula no átrio sobranceiro à entrada principal do mosteiro. No entanto, o testamento da finada dispunha que as suas exéquias fossem como as da rainha de Espanha, com coroa e ceptro reais. Mas isso era tão caro que não foi cumprido” (Soares, 2007).

Outras lendas locais do concelho de Arouca incluem a história das **laranjas do Burgo**, as **pegas nas lendas de Santa Mafalda**, a **lenda de Soror Rosimunda Abadessa do Mosteiro de Arouca**, a **lenda do lobisomem** e a **lenda do Rego do Boi** (Soares, 2007).

Uma tradição local do concelho que merece referência é a **reconstituição histórica** do quotidiano das monjas **do Mosteiro de Arouca** e do seu relacionamento com a vida da população local. Pelo 5º ano consecutivo, entre 4 e 6 Julho de 2008, junto ao Mosteiro de Arouca e do Terreiro de Santa Mafalda *“camponeses e artesãos passam pelo terreiro, convidando a apreciar o cheiro, a cor e o sabor da fruta dos campos e da doçaria conventual. Há sons de um povo que trabalha. Ferreiros, sapateiros e carpinteiros mostram as suas peças. Passam nobres, de carruagem puxada a cavalo, para visitarem familiares no Mosteiro, deixando a esmola aos mendigos. No interior do espaço monástico, as freiras tecem um silêncio devoto, por entre orações, cânticos e trabalhos, e recebem os «filhos da roda». No mosteiro, pode-se conhecer a vida das monjas: no claustro em oração e recreio, no capítulo em reunião deliberativa, na cozinha a preparar receitas tradicionais, no refeitório a ceiar, numa das celas em isolamento, na porta da caridade a praticá-la, na Roda dos Expostos a acolher as crianças abandonadas, nos locutórios em contacto com a vida social exterior, na Botica a acumular conhecimento. No terreiro em frente, entre o Mosteiro e a Antiga Casa dos Padres, desenrolam-se actividades e situações que compunham a vida de Arouca daquele século: o ferreiro, o carpinteiro, os bonecreiros, os mendigos, os padres e os frades, o hortelão, o aguadeiro, o cego da literatura de cordel, nobres de charrete ou a cavalo para visitar monjas parentas que viviam no Mosteiro. Cerca de 200 figurantes, oriundos de 20 associações do concelho, dão vida a este regresso ao passado.”* (www.aroucanet.com).

Pinho Leal descreve as **tradições de exploração do ouro** no rio Arda desde tempos imemoriais: *“É tradição que este rio (Arda) trazia muito ouro em suas areias. Ainda no meu tempo de creança, João Marques do Rosario, de Mançores, ia muitas vezes, com um preto que tinha, para este rio extrair ouro, e chegou a ser muito rico, atribuindo-se a sua riqueza unicamente a este modo de vida. É também certíssimo que os árabes (e talvez mesmo os romanos) extrahiram ouro do Arda, não só nas suas areias, mas também dos montes que formam as suas margens. Não é só a tradição, há também vestígios em muitas partes, e próximo d'este rio, de antigos poços e galerias, sendo os mais notáveis na serra da*

Carraceira (margem direita d'este rio, freguezia de Santa Marinha) onde se vêem sete galerias; e por isso se chama a este sítio 'Os Sete Buracos'. Mais abaixo, e próximo ao sítio de Ladeiras, e em outros sítios, há galerias de extracção de metaes. Tem aqui apparecido, por várias vezes, nas margens do rio, ou muito próximo, muitas mós de pedra, com que os árabes moíam o cascalho do rio para d'elle se soltarem as partículas d'ouro. Estas mós são toscas, feitas de granito e com 0,60m de diâmetro e 0,10m de grossura, tendo as inferiores, no centro um veio feito na mesma pedra, que embutia em um buraco das superiores. Não têm signaes de buraco (nas superiores) onde se mettesse algum torno para as fazer mover, o que mostra serem impellidas com a mão. Ainda em 1869, um lavrador da Raiva, que mora sobre a margem esquerda do Douro, me fez presente de dois casaes d'estas mós. Há por aqui quem tenha muitas mais, o que indica que era grande a extracção do ouro em tempos remotos." (Leal, 1873)

A extensa rede hidrográfica do concelho de Arouca, especialmente representada pelos rios Arda, Paiva, Paivô, Caima, Urtigosa, Ardena, Inha e Insua é um **pólo de atracção turística e de lazer** que, nos últimos anos, tem distinguido o concelho. As margens do rio Arda têm condições naturais para a prática de **desportos de montanha**, como o BTT. A Rota do Arda é um percurso em BTT desde a praia fluvial da foz do Arda até ao Monte e Capela de S. Domingos, dominantes sobre a paisagem do rio Douro e o rio Arda, numa distância aproximada de 41 km (indy.home.sapo.pt), com passagem por territórios dos concelhos de Castelo de Paiva e Arouca. A **prática de desporto aventura** (rafting, kayake, etc) e os **diversos percursos pedestres** pelas serras, vales e margens das linhas de água são exemplos do potencial turístico sustentável do concelho.

Destes, salienta-se o **percurso pedestre** existente no concelho de Arouca pelas margens do rio Urtigosa, afluente do rio Arda chamado **PR 2 -"Caminhos do Vale do Urtigosa"** que atravessa as freguesias de **Urrô e Rossas**. Inicia-se junto à Igreja Matriz de Rossas (próximo da EN224, onde dispõe de parque de estacionamento), atravessa o rio Urtigosa, e termina no local de partida. Atravessa caminhos rurais, tradicionais e de montanha, num circuito de 13 km, com a duração de cerca de 5 horas. O nível de dificuldade é baixo/médio e ao longo da marcha pode contemplar-se a **beleza natural do rio Urtigosa, do ribeiro de Escaiba e da sua cascata, do ribeiro de Souto Redondo**, bem como do **bosque de carvalhos, loureiros e castanheiros** que acompanham estes cursos de água doce. Em Urrô localiza-se o chamado "Couto do Muro", cume do que se julga ser uma importante estação arqueológica. Outros pontos de interesse, com relevância neste percurso, são os **moinhos sobre o ribeiro de Escaiba**, alguns ainda em funcionamento, a **antiga e lendária levada**, da qual restam apenas alguns vestígios de canos enterrados no seu leito, os caminhos centenários de calçada de carros de bois, que caracterizam parte deste percurso, e a **ponte de arco** que atravessa o rio Urtigosa e que se localiza junto a um antigo núcleo de moer cereal e linho (www.cm-arouca.pt).

Refira-se ainda a **via romana secundária entre Porto (CALE) – S. Pedro do Sul e Viseu (VERURIUM), atravessando a Serra de Arouca**, continuando por Manhouce e S. Pedro do Sul. Não atravessa as margens do rio Arda, mas tem passagem por algumas povoações próximas do seu percurso, na envolvência da serra da Freita. O percurso inicial aproveita a via Porto-Lisboa até Fiães (LANGOBRIGA) e aí desvia para o interior. Da serra da Abelheira em Escariz (Arouca), seguia pela EM519 até Gestosa, à direita depois para Alvite de Cima até reencontrar novamente a EM519, atravessava mais à frente a EN327 para Arouca em Alagoas e seguia na direcção de Nabais. Antes de chegar a esta povoação, saía desta estrada nacional e seguia por um estradão até Venda da Serra e daí até Coval (Chave, Arouca), depois para entroncar na EN224-1 junto ao Castro de Cambra, onde a estrada de asfalto leva em direcção à Farrapa (Chave, Arouca), pelos lugares de Barracão e Borrvalho. Chegava depois a Chão de Ave, onde entroncava na EN224 e daqui sobe à serra da Freita pela EM511 até Quintela e depois Provisende. Nesta povoação, vira à direita e ascende à serra da Freita até à aldeia de Merujal e depois para Albergaria da Serra (viasromanas.planetaclix.pt). Há ainda referências de um **velho caminho** que embocaria nesta via milenária romana em Albergaria das Cabras, **a partir do vale do Rio Arda, utilizado pelos almocreves** (FCG, 1985). Este caminho tinha passagem pelo lugar de **Pedra Má**, um local muito temido pelos viandantes, por ser uma apertada garganta entre profundas escarpas basálticas sobre o rio Arda que se julga ser o vestíbulo do Vale de Arouca (FCG, 1985).

Património Natural

Entre as margens do rio Arda e especialmente do rio Urtigosa, seu afluente, regista-se a ocorrência de muitos mamíferos, répteis e aves. Entre os mamíferos, destaca-se a **lontra** (*Lutra lutra*), a **raposa** (*Vulpes vulpes*), o **javali** (*Sus Scrofa*), a **geneta** (*Genetta genetta*), o **toirão** (*Mustela putoris*), a **doninha** (*Mustela nivalis*) e o **ouriço-cacheiro** (*Erinaceus europaeus*) (rossas.aroucanet.com). A **toupeira-de-água** (*Galemys pyrenaicus*) apresenta uma distribuição relativamente regular em toda a bacia do rio Arda, sendo, no entanto, bastante sensível à qualidade ecológica do habitat de suporte (INAG, 2001). Esta espécie, **endémica da Península Ibérica e dos Pirinéus**, está classificada como **vulnerável** pela Directiva Habitats (Directiva 92/43/CE de 12 de Maio) e localiza-se nas zonas médio-inferiores das bacias hidrográficas do rio Inha e Arda.

A toupeira-de-água é uma espécie estritamente associada e dependente dos cursos de água (corredor aquático e ripícola). Vive nos rios e ribeiras de montanha, efectuando na água a maioria das suas deslocações e a recolha de alimento, utilizando os abrigos naturais nas margens para repouso e reprodução. Prefere águas de correntes fortes, límpidas, de baixas temperaturas e onde se verifique um fluxo regular de água durante todo o ano, daí mostrar preferência pelas regiões de clima oceânico, em

detrimento das regiões de clima mediterrâneo. A uma escala mais detalhada, a presença de troços de água corrente, maioritariamente de pequena profundidade, e a existência de abrigos nas margens (*e.g.* sistemas radiculares associados a vegetação arbórea e arbustiva, bancos de pedras, muros de pedra solta ou outras cavidades subterrâneas) são apontados como os requisitos mínimos necessários para a sua presença (www.icn.pt). A **poluição da água**, a **destruição das margens e da vegetação ripícola natural** e a **destruição do coberto natural das encostas** constituem factores de ameaça muito significativos sobre esta espécie (www.icn.pt).

Na bacia do rio Arda, destacam-se do grupo das aves o **melro-de-água** (*Cinclus cinclus*), o **guarda-rios** (*Alcedo atthis*), a **rola** (*Streptopelia turtur*), o **pombo-torcaz** (*Columba palumbus*), o **chapim-real** (*Parus major*), o **pisco-de-peito ruivo** (*Erithacus rubecula*), o **gaio-comum** (*Garrulus glandarius*), a **pêga-rabuda** (*Pica pica*), a **trepadeira-azul** (*Sitta europea*), a **alvéola-amarela** (*Motacilla flava*), a **garça-real** (*Ardea cinerea*), o **gavião-da-Europa** (*Accipiter nisus*), o **mocho-galego** (*Athene noctua*) e a **coruja-do-mato** (*Strix aluco*) (rossas.aroucanet.com). O guarda-rios é uma espécie listada no Anexo I da Directiva Aves (79/409/CEE).

Em relação aos **répteis** e **anfíbios**, pode-se assinalar, como exemplos, a **cobra-de-água-de-colar** (*Natrix natrix*), o **sardão** (*Lacerta lepida*), a **salamandra-de-pintas-amarelas** (*Salamandra salamandra*), a **rã-verde** (*Rana perezi*), o **sapo-comum** (*Bufo bufo*) e o **tritão-de-ventre-laranja** (*Triturus boscai*) (rossas.aroucanet.com), este último endémico da Península Ibérica, logo com grande importância de conservação.

Entre a **fauna piscícola**, predominam a **truta-fário** (*Salmo trutta L.*), a **truta-arco-íris** (*Oncorhynchus mykiss*), a **boga** (*Chondrostoma polylepis*), o **escalo** (*Leuciscus (Squalius) cephalus L.*), o **barbo-do-norte** (*Barbus bocagei*) e a **enguia** (*Anguilla Anguilla L.*) (rossas.aroucanet.com). O período de pesca da truta-fário e da truta-arco-íris fica compreendido entre o dia 1 de Março e 31 de Agosto inclusivé, segundo a Portaria n.º 151/79, de 5 de Abril em todo o curso dos rios Rio Arda e afluentes.

A **vegetação** e a **flora** assumem particular exuberância na bacia hidrográfica dos rios do concelho de Arouca. Dos rios Arda e Urtigosa, destacam-se o **castanheiro** (*Castanea sativa Mill.*), o **carvalho-negral** (*Quercus pyrenaica*), o **amieiro** (*Alnus glutinosa (L.) Gaertn.*), o **salgueiro-branco** (*Salix alba*), o **freixo** (*Fraxinus angustifolia Vahl*), a **gilbardeira** (*Ruscus aculeatus L.*), o **feto-real** (*Osmunda regalis L.*), o **feto-fêmea** (*Athyrium filix-femina(L.) Roth*), o **feto-macho** (*Dryopteris filix-mas (L.) Schott*), o **hipericão-do-Gerês** (*Hypericum androsaemum L.*), o **trovisco** (*Daphne gnidium L.*), etc. (rossas.aroucanet.com).

O **milho** (*Zea mays*), o **centeio** (*Secale cereale*) e a **aveia** (*Avena sativa*), a **vinha** (*Vitis vinifera*), o **feijão** (*Phaseolus vulgaris*) e a **batata** (*Solanum tuberosum*) predominam entre os cultivos, enquanto o tecido florestal, onde tradicionalmente pontuavam largas manchas de **castanheiros** (*Castanea sativa*), **carvalhos** (*Quercus robur*) ou **sobreiros** (*Quercus suber*), a par de **vidoeiros** (*Betula pubescens*), **aveleiras** (*Corylus avellana*), **faias** (*Fagus sylvatica*) e **medronheiros** (*Arbutus unedo*), é agora essencialmente constituído pela monocultura ou floresta mista de **pinheiro-bravo** (*Pinus pinaster*) e **eucalipto** (*Eucalyptus globulus*). As comunidades arbustivas são normalmente dominadas por **urzes** (*Erica azorica*), **giestas** (*Cytisus striatus*), **tojós** (*Ulex europaeus*) ou **carqueja** (*Baccharis trimera*); enquanto as gramíneas tem a maior representação no estrato herbáceo dos prados e lameiros.

Equipamentos

O **Museu de Arte Sacra**, inserido no edifício do Mosteiro de Arouca, possui um importante espólio de obras de arte, proveniente, na sua maior parte, da própria instituição religiosa. O recheio consta de **obras de escultura e talha, pintura, ourivesaria, paramentaria, mobiliário, tapeçaria, alfaias de culto e livros litúrgicos**. Entre as obras de escultura, merece relevo a imagem de S. Pedro, de calcário, atribuída a oficina coimbrã da escola de mestre Afonso. No domínio da pintura, além de quadros do séc. XV, há dois belos primitivos: *O Martírio das Virgens* e um tríptico de pequenas dimensões com a *Adoração dos Magos*, ambos do séc. XV. Ainda do séc. XV, possui este museu quatro tábuas da escola de Viseu com cenas da vida de Cristo: *Lava-Pés*, *Prisão de Cristo (ou Beijo de Judas)*, *Jesus escarnecido* e *Jesus Cristo a caminho do Calvário*. O mestre pintor Diogo Teixeira está representado em várias obras, sendo as mais importantes: *Ascensão*, *Incredulidade de S. Tomé* e *Pentecostes* (do séc. XVII). Da ourivesaria, destacam-se o díptico de prata do séc. XIII, uma cruz-relicário do séc. XV e um tríptico-relicário do séc. XV, com as relíquias de vários Santos. É rica a colecção de paramentos: capas de asperges, casulas, dalmáticas, véus de ombros e outros. Destacam-se ainda uma Cruz de azeviche; cadeiras do séc. XVII e XVIII; diversos tapetes, um dos quais persa do séc. XVI; e a cela de S. Ambrósio, um curioso trabalho em miniatura do séc. XVIII. O museu possui ainda inúmeros livros litúrgicos de pergaminho com vistosas e delicadas iluminuras (FCG, 1985).

O **antigo Hospital**, hoje **Biblioteca Municipal (Arouca)**, é o edifício localizado em frente ao Mosteiro, no Terreiro da Rainha Santa Mafalda, onde no passado seria a residência dos padres confesores das freiras do Mosteiro. O edifício foi restaurado e está a funcionar hoje como Biblioteca Municipal (www.roteirosdaagua.com).

O **Parque de Arouca (Arouca)** localiza-se no centro histórico da vila. Foi em tempos um simples terreno que fazia parte do Mosteiro de Arouca. Actualmente, é um dos pontos turísticos do concelho. É um bonito jardim, com parque infantil, campo desportivo e, recentemente, a esplanada do livro.

O **Parque de Lazer de Rossas – Sinja (Rossas, Arouca)** é um parque de lazer, próximo da Igreja Paroquial de Rossas e estende-se nas margens do rio Urtigosa, afluente do rio Arda. É utilizado para piqueniques.

A **praia fluvial de Concas (Pedorido, Castelo de Paiva)**, situada no lugar de Concas, é uma praia fluvial instalada em pequena área florestal constituída por choupais de grande porte, situada junto à praia fluvial com pequeno areal e um espaço onde é possível desfrutar de banhos no rio Douro e de uma vista sobre o Rio Arda. Tem um café próximo. É uma praia não vigiada.

A **praia fluvial da foz do rio Arda (Pedorido, Castelo de Paiva)** situa-se junto ao local onde desagua o rio Arda no rio Douro. É um local sossegado com uma vista fabulosa para o rio.

O **Jardim do Arda (Pedorido, Castelo de Paiva)** situa-se no lugar de Além da Ponte. É um espaço de lazer junto à foz do Rio Arda, com muita sombra, canteiros bem cuidados e limpos, lago, mesas e bancos em madeira e pedra, ideal para merendas. Está inserido numa bonita área arborizada. Tem restaurante, café, sanitários, mesas e bancos e um lago.

Acessibilidades

As acessibilidades desta região são uma **rede descontínua de eixos rodoviários**, muitos deles municipais, que aproveitam alguns troços do rio Arda. A **EN222** serve de ligação entre a Lomba (Gondomar), Pedorido e Raiva (Castelo de Paiva), percorrendo a margem esquerda do rio Douro e atravessando o troço final do rio Arda. A **EN503** que nela entronca segue paralela ao curso do Arda nas faldas da Serra de S. Domingos, até Folgoso. O rio Arda percorre depois um troço sem acessos às suas margens, até Lázaro (S. Miguel do Mato). Desde o centro desta freguesia, a **EM1195** atravessa os lugares de Lázaro, Cela e Almansor, encontrando nestas duas as margens do rio Arda. A **EN504** percorre depois os lugares de Carvalhal Redondo e Coval Quente, a relativa distância mas paralela ao rio Arda pela margem esquerda. Prosseguindo do centro da freguesia de Escariz, passando por Mansores, a **EN326** divide-se em acessos secundários às margens do rio Arda na Abitureira, Carvalhal, Casa Nova, Aldeia, Penaceira, Cela e Ribeira. Em Várzea, entronca a EN326 na **EN224**, seguindo ambas pelas freguesias de Várzea, Urrô, Burgo e Arouca, ora na margem esquerda, ora na margem direita do rio Arda.

A região do vale do Arda não é atravessada por auto-estradas ou eixos ferroviários. De seguida, segue-se uma breve descrição da **história, tradições, cultura de cada concelho e freguesia** atravessados pelo rio Arda.

Concelho de Arouca

O município de **Arouca** abrange uma área de 327 km² e situa-se no extremo NE do distrito de Aveiro. Faz fronteira com o seu território os municípios de Cinfães, Castelo de Paiva e Gondomar (a Norte), Vale de Cambra e S. Pedro do Sul (a Sul), S. Pedro do Sul, Castro Daire (a Este), Santa Maria da Feira, Oliveira de Azeméis (a Oeste). A vila, sede do Concelho, tem cerca de 3 000 habitantes e está situada no extremo nascente do **Vale de Arouca**, a cerca de 60 km da sede de distrito (Aveiro) e 50 km da cidade do Porto. O concelho é composto por 20 freguesias e habitam cerca de 24 000 habitantes (Censos 2001). O posicionamento neste contexto regional traduz a situação de fronteira/interface que Arouca detém, entre as regiões Norte e Centro de Portugal, entre os distritos de Aveiro, Viseu e Porto e entre o litoral e o interior (www.cm-arouca.pt).

A vila é bastante antiga, provavelmente edificada pelos galo-celtas, quatro ou cinco séculos a.C.. Uma **cidade romana**, de nome **Arouca, Aruca, ou Areduta**, foi aqui erguida por César Augusto em 34 a.C., tendo existido até 716, data após a qual foi destruída pelos muçulmanos. Em **1102**, o conde D. Henrique confrontou-se com o mouro Echa Martim naquela que viria a ser conhecida como a **batalha de Arouca**. A vila recebeu forais de D. Afonso Henriques, em 1151, de D. Afonso II, em 1217, e de D. Manuel, em 1513. Arouca herdou freguesias de concelhos suprimidos no século XIX e até concelhos na sua globalidade. O concelho de Vila Meã do Burgo deu origem à freguesia do Burgo quando, em 1817, foi anexado ao de Arouca. Com a extinção dos municípios de Alvarenga (1836) e Fervedo (1855), Alvarenga acrescentou a Arouca as freguesias de Santa Cruz de Alvarenga, Canelas, Janarde e Espiunca e Fervedo as freguesias de S. Miguel do Mato, Fervedo, Escariz e Mansores. A freguesia de Covêlo de Paivó, que pertencia ao concelho de S. Pedro do Sul, foi anexada em 1917 ao concelho de Arouca (www.cm-arouca.pt).

O antigo couto de Arouca, que congregava a maior parte das actuais freguesias, era constituído pelas freguesias de S. Bartolomeu - em 1846, foi desdobrada nas de S. Bartolomeu de Arouca e Santo Estêvão de Moldes - Cabreiros, Albergaria da Serra, parte da de S. Salvador do Burgo, Santa Eulália, S. Miguel de Urrô, Várzea, Rossas, Santa Marinha de Tropêço e Chave, que, com as já indicadas acima, perfazem as actuais vinte freguesias do concelho de Arouca. O território de Arouca foi povoado desde tempos remotos, como o comprovam múltiplos vestígios pré-históricos encontrados. É, contudo, difícil determinar e estudar os vários períodos da sua ocupação pelos nossos antepassados mais longínquos. Da época

da presença e domínio dos romanos na Península Ibérica, sabemos muito pouco. Pelos vestígios arqueológicos encontrados, deve ter sofrido uma romanização tardia, talvez por estar localizada já fora das zonas mais próximas do litoral das vias de circulação Norte-Sul. Pela toponímia é atestada a permanência de populações de origem germânica (resultante das chamadas invasões bárbaras). Nomes como Sá, Saril, Alvarenga, Burgo, Escariz, Friães, Melareses, são exemplificativos (www.cm-arouca.pt).

De períodos mais recentes, durante as incursões muçulmanas, os núcleos habitacionais de Arouca ficaram quase desertos de população cristã, que se refugiou em locais pouco acessíveis ou noutras paragens mais a Norte, donde só terá regressado quando, mais tarde, com os avanços da Reconquista Cristã para Sul, a instabilidade se afastou. No entanto, a **história de Arouca** só ganha destaque entre outras terras, a partir **da fundação e posterior crescimento do seu Mosteiro**.

Entre 915 e 925, foi fundado o Mosteiro de S. Pedro de Arouca, por um casal de visigodos, Loderigo e Vândilo. Depois da morte dos fundadores, o convento foi vendido a Ansur e Eileuva que o aumentaram e enriqueceram. No ano de 951, por vontade de D. Ansur e sua mulher, D. Eileuva, o mosteiro surge dedicado aos mártires S. Cosme e S. Damião, associados a S. Pedro; posteriormente, o casal entregou o cenóbio ao abade Ermenegildo. No período entre 1114 e 1154, o mosteiro conheceu uma fase de grande esplendor sob a direcção de D. Toda Viegas; em 1154, o mosteiro passou a ser exclusivamente feminino, governado por uma padroeira, a abadessa Elvira Anes, sob a regra beneditina, após a morte da qual, o mosteiro passou para a coroa. Em 1210, D. Sancho I legou o mosteiro a sua filha, **D. Mafalda**, que sete anos mais tarde exerceu o padroado sobre o mesmo, impondo a regra de Cister e aumentando a riqueza do convento por doação dos seus bens herdados, entre eles os direitos reais e a jurisdição da freguesia de Arouca. A Rainha Santa Mafalda morreu em 1256, ali ficando sepultada, sendo beatificada no séc. XVIII (arouca.aroucanet.com).

A economia municipal assenta sobretudo na agro-pecuária e na silvicultura. Em termos de património edificado, destacam-se o **Mosteiro de Arouca** e o **Memorial de Santo António**. O seu património natural inclui a serra de Arada, parte da serra de Montemuro, os rios Vouga, Paiva e **Arda**, as pedras parideiras e a Frecha da Mizarela, na serra da Freita (queda de água).

A freguesia de **Arouca**, com 8,59 km² e 3 098 habitantes (Censos 2001), sede do concelho homónimo, tem como orago S. Bartolomeu, mas nela celebra-se ainda as festas e romarias em honra da **Senhora da Mó** (7 e 8 Setembro) e a **Santa Mafalda** (2 Maio), este último feriado municipal. A actual freguesia de Arouca é uma povoação de origem monástica, onde foi fundado o Mosteiro de São Pedro de Arouca. A matriz da freguesia seria, em tempos idos, uma *villa* agrária chamava *Villa Boa*, ainda nos princípios da nacionalidade. Arouca foi uma das seis freguesias da Diocese de Lamego, presentes no Concílio de Lugo

(572 e 582 d.C.). Destaca-se do património edificado da freguesia o **Mosteiro de Arouca**, a **Igreja Matriz de São Pedro de Arouca**, o **túmulo da Rainha Santa Mafalda**, o **Museu de Arte Sacra**, o antigo hospital, actualmente **Biblioteca Municipal**, a **Casa dos Malafaias**, o **Calvário de Arouca** e as **Capelas da Misericórdia e da Senhora da Mó**.

Burgo é outra freguesia do concelho de Arouca, com 6,72 km² de área e 2 067 habitantes (Censos 2001). A freguesia de Burgo, situada no interior do concelho de Arouca, é contígua às freguesias de Santa Eulália, Canelas, Arouca e Moldes, todas do concelho de Arouca. Tem dois importantes cursos de água: o rio Arda que atravessa a freguesia na direcção O-NE, e o rio Marialva, seu afluente, na direcção E-O. Foi vila e sede de concelho entre 1363 e 1817. Designou-se *Vila Meã do Burgo* ou *Burgo Novo de Arouca*. O concelho era constituído apenas pela freguesia da sede e tinha, em 1801, 955 habitantes. Aquando da sua extinção, foi anexado ao município de Arouca. As origens do povoamento da região de Arouca remontam a épocas pré-históricas, como atestam numerosos monumentos megalíticos espalhados por vastas áreas do concelho. Diversos achados avulsos, a tradição popular, conservada na toponímia, e alguns locais que têm fornecido vestígios de ocupação documentam a continuidade da fixação humana, que sofreu também a influência da civilização romana. Em todas as freguesias de Arouca – e Burgo não é excepção – predomina a verdura exuberante de uma terra prodigiosamente ocupada, seja pelos pomares e hortas, pelos campos de milho ou de centeio ou pelos ricos vinhedos e generosas matas. As actividades principais são a construção civil e a agricultura de subsistência continua a ser uma base económica fundamental (www.arouca.biz).

Como locais de interesse da freguesia de Burgo, destaca-se a **Igreja Paroquial**, a **Torre Medieval de Lourosa (na Quinta da Torre)** e o lugar de Forcada, uma zona muito antiga de casas de granito, onde se pode ver ainda as datas de construções, que remontam ao século XVII. São várias as festividades desta freguesia das quais se destacam a **Festa do Senhor** (penúltimo Domingo de Agosto), Santo António (13 de Junho), São Frutuoso (2º Domingo depois da Páscoa), Senhora da Boa Morte (Agosto ou Setembro), São Salvador (6 Agosto), Santo Aleixo (Julho) e São Domingos (Agosto).

Santa Eulália, freguesia do concelho de Arouca, ocupa uma área de 14,12 km² e tem 2 339 habitantes (Censos 2001). É limitada a Oeste por Urrô, a Noroeste por Tropeço, a Sul por Albergaria da Serra, a Nordeste por Arouca, a Este por Burgo e a Sudeste por Moldes, todas elas freguesias de Arouca. O rio Arda atravessa esta freguesia na direcção O-E. Etimologicamente, "*Eulália*" significa: "a que fala bem". A **Batalha de Arouca** travou-se nos campos de Santa Eulália em 1102. D. Henrique juntou ao seu exército as gentes de Egas Moniz e venceram os Muçulmanos de Lamego nesta batalha, liderados por Echa Martim. Este foi capturado e acabou por se converter ao catolicismo, e D. Henrique nomeou-o senhor de

Lamego. Do património construído da freguesia, destaca-se a Anta do Casal-Mau, o **Memorial de Santo António do Burgo** ou **Arco da Rainha Santa** e o **Castro do Monte Valinhas**.

Na freguesia, destaca-se algumas capelas de interesse: a Capela de São João de Valinhas, a Capela de São Mamede, a Capela de Santo André, a Capela Nossa Senhora da Ouvida, a Capela Santa Maria do Monte e a **Capela de Santo António**, as quais são pontos de passagem de uma rota de BTT (rotadascapelasantaeulalia.blogspot.com). A extensa freguesia distribui-se por inúmeros locais, como por exemplo, os lugares de Ameixieira, Cales, Adafães, Presa, Toutuço, Maria do Monte, Felgueira, Jogueirós, Celada, Gui Afonso, Barreiros, Pego, Cavada, Boavista, Areeiros, Casinha, Amião, Amilo, Novais, Pé do Monte, Casal Mau, Parada, S. Mamede, Sobreleites, Monte Monção, Lomba Torta, Malhada de Baixo, Malhada de Cima e Ribeiro Grande. O orago da freguesia é Santa Eulália. Celebram-se ainda as festas e romarias em honra de Santo António (13 de Junho), São Mamede (17 de Agosto), Senhora do Monte (Abril ou Maio) e Santíssimo Sacramento (Agosto).

Urrô é uma freguesia do concelho de Arouca, com 10,53 km² e 1 206 habitantes (Censos 2001). Foi apresentação do Mosteiro de Arouca. Está situada no **Vale de Arouca**: estendendo-se pela encosta da serra da Freita e traçada pelo rio Arda e Urtigosa. A origem etimológica de Urrô provém de "*orriolo ou orriola*" que significa pequeno vale, razão do nome dado à freguesia de Vale de Arouca. A antiga freguesia de S. Miguel de Urrô foi curato da apresentação do Mosteiro de Arouca, anexação confirmada por D. João III a 22 de Junho de 1554, passando depois a abadia. As principais actividades que sustentam a economia de Urrô, são a agricultura, a pecuária, a indústria de madeiras e os artefactos de cimento e couro.

Do património cultural edificado da freguesia, destaca-se a **Igreja Matriz**, a Capela de S. Lourenço, a Capela de Santo António, a **Capela da Casa da Cela** e a **Capela de Nossa Senhora da Lage**. Nesta freguesia existe também o chamado "Couto do Muro", uma importante estação arqueológica, em cuja base se encontra os lugares da Cividade e de Campo de Abade e onde se mantém a tradição de que aqui existiria uma igreja. Seria aí o "*castro de Arauca*" ou o castro de Arouca. Há documentos que localizam esse castro - o "*castro Arauca*" ou "*castro de Arauca*" - parecendo não deixarem dúvidas sobre a sua localização: a *villa Congustu* (Rossas) ficava "*prope castro Arauca*" (junto do castro de Arouca) diz um documento de 1080; a *villa Nokeiroda* (actual Nogueiró) ficava igualmente "*prope crasto Arauca*", segundo documentos de 1088 e 1098; e a *villa Varzena* (Várzea) era dada a mesma referência geográfica relativamente ao castro de Arouca, segundo um documento de 1101. Resulta, assim, que Rossas, Nogueiró e Várzea ficavam junto do "castro de Arauca". O topónimo Arauca terá passado,

depois, a designar a região, fixando-se seguidamente à volta do mosteiro, em Arouca dos nossos dias (urro.aroucanet.com).

O orago é S. Miguel, que antigamente dava o nome à freguesia de S. Miguel de Urrô. Nesta freguesia, celebra-se a Festa do Senhor (durante o mês de Julho, na Igreja Matriz), São Francisco (durante o mês de Agosto, na capela respectiva), São Lourenço (no 1º domingo de Agosto, na capela respectiva), a Santo António e à Senhora da Piedade (no fim-de-semana seguinte ao dia 13 de Junho, na Capela de S. António), **Senhora da Lage** (a 8 de Setembro, na capela respectiva), a **Festa dos Emigrantes** (3 de Maio, na Capela de Sr.ª da Lage), **Festa das Cruzes** (3 de Maio, na Capela de Sr.ª da Lage) e São Lucas e Senhora de Fátima (durante o mês de Agosto, na Capela de S. Lucas).

Várzea é a mais pequena freguesia do concelho de Arouca, com 1,84 km² e 559 habitantes (Censos 2001). É limitada a Norte por Tropeço, a Oeste e a Sul por Rossas, a Este por Urrô, todas do concelho de Arouca. O rio Arda atravessa a freguesia na direcção SO-SE, paralela à variante da EN326. Esta freguesia situa-se no fértil **Vale de Arouca** e constituiu uma comenda da Ordem de Cristo, a "*Comenda de S. Salvador das Várzeas de Arouca, avaliada em cento e oitenta mil réis em 1705*". Os comendadores tinham tanto cuidado no aumento do rendimento das suas propriedades que, além das condições gerais de todos os prazos, estipulavam mais: "*e sendo vinhas ficam obrigados a fazer as benfeitorias e melhoramentos de que necessitarem como são podas, cavas, alsas e mergulhias, em seu tempo, hábeis e devidas. São mais obrigados a porem cinquenta pés de árvores: oliveiras, carvalhos e castanheiros com suas videiras. As rendas eram pagas no celeiro ao prioste.*" (Pereira, 1990). Até 1882, Várzea pertenceu à diocese de Lamego. Durante algum tempo teve como anexa a freguesia de Chave. Inclui os lugares de Caracuate, Casal, Igreja, Ladeiras, Lavandeira, Malafaia, Outeiro, Portelinha, Remolha, Sanfins e S. Paio. Nesta freguesia, celebra-se a Festa do Senhor (Julho), as festas em honra de Santa Eufémia (1º domingo de Setembro) e São Paio (2º domingo de Julho). Santa Marinha é o orago desta freguesia.

Rossas é uma freguesia do concelho de Arouca com 16 km² de superfície e 2 340 habitantes (Censos 2001), situada a 6 km de Arouca. Faz fronteira, no mesmo concelho, com as freguesias de Tropeço, Várzea, Urrô, Chave e Cepelos, esta última do concelho de Vale de Cambra. Os principais acessos rodoviários são a EN326 e a EN224. Cercada pelas vertentes da Serra da Freita, Rossas é também atravessada, no seu vale mais populoso, pelos **rios Arda e Urtigosa**. O rio Arda atravessa a freguesia mais a Norte, na direcção O-E e em Rossas, recebe as águas do rio Urtigosa que corre de SE para NO, facto geográfico ilustrado no brasão da freguesia.

Do património arquitectónico da freguesia, destaca-se a **Capela de Nossa Senhora do Campo**, coroando um pequeno outeiro na paisagem, descendo em terra fértil e verdejante, subindo depois em

campos socalcados e, finalmente, em montes e montanhas que lhe fecham os horizontes. Os actuais limites da freguesia de Rôssas, que foi comenda da Ordem de Malta, extinta no século XIX e cujos bens reverteram para a Fazenda Nacional, foram fixados em 1630, com marcos de granito que ostentam a data de 1629. Conhecida inicialmente por Santa Maria de Congusta, passou a designar-se nos séculos XII e XIII Santa Maria de Rôssas e, mais tarde, Nossa Senhora da Conceição de Rôssas. No século XIII, passou a chamar-se Rossas. Com a extinção das ordens religiosas em 1834, deixou de ser comenda. A julgar pela sua toponímia, esta freguesia teve uma ocupação humana bastante recuada. O topónimo principal da freguesia Rossas provém do termo latino "*rupta*", através de "*rótea*", aludindo certamente a terrenos silvestres nas vertentes da serra da Freita, remontando a aplicação do topónimo a tempos muito anteriores à nacionalidade.

Segundo D. Domingos de Pinho Brandão (...), descreve no seu livro de memórias "A Nossa Casa" (...): "*o nome da freguesia deveria escrever-se Roças e não Rossas por porvir do latim ruptas (terras ruptas), terras desbravadas e arroteadas para se tornarem férteis.*" (rossas.aroucanet.com). Na segunda metade do séc. XI era aqui proprietária das "villas" de Congusto e Zari, que estavam incluídas na freguesia de Rossas, D. Tauron Vermudes, a qual doou, em 1100, ao Mosteiro de Arouca tudo o que possuía. Tudo também leva a crer que a rainha D. Mafalda, filha de D. Sancho I, quando vivia no mosteiro de Arouca, mandou levantar uma albergaria na serra da Freita, no termo desta freguesia (rossas.aroucanet.com). Não se sabe ao certo a data da instituição paroquial de Rossas, sabendo-se apenas que é anterior ao século XVI, pois que no Censual do Cabido Lamacense é já mencionado o padroado de Rossas. Por esse documento, sabe-se que a igreja de Rossas era uma comenda da ordem dos Hospitalários, sendo então uma vigaria anexa à igreja paroquial de S. Salvador das Várzeas de Arouca. Administrativamente, a freguesia estava integrada nas Terras de Arouca (rossas.aroucanet.com).

Tradicionalmente, a agricultura é de minifúndio e de subsistência, com a cultura do milho, a horticultura, a fruticultura e a vinha. A cultura do linho teve uma importância fundamental até aos anos 40 do séc. XX na freguesia. Hoje, é o sector secundário é o que tem mais relevância para a economia da freguesia. As principais indústrias geradoras de emprego são a transformação de madeiras, o fabrico de mobiliário, a construção civil e a indústria metalomecânica (rossas.aroucanet.com).

É composta pelos seguintes lugares: Alagoa, Baladia, Barroca, Bouça Vedra, Cabo, Camarão, Comenda, Cardenha, Carreiros, Carvalheiros, Carvoeiro, Cavada, Corregato, Costa, Devesa, Eidim, Felgueira, Fonte, Fontela, Junqueira, Lomba, Martinho, Outeiro, Parcearia, Paço, Passal, Penedo, Pé da Cruz, Pinhal, Portela, Povia, Provezende, Quebrada, Regadas, Ribes, Saril, Senras, Sequeiros, Seixal, Sibanas, Sinja, Silveiros, Souto, Sub-Rêgo, Telarda, Terçoso, Torneiro, Travessa, Trigal, Vale, Vale do Rodízio, Varziela, Vila Coval e Zendo. O seu orago é a Nossa Senhora da Conceição. Celebra-se nesta

freguesia a Festa do Senhor (dia do Corpo de Deus), **as festas em honra de Nossa Senhora do Campo** e Santo António (2º Domingo de Agosto), Nossa Senhora do Rosário (7 de Outubro), São João (24 de Junho) e Senhor da Agonia (1º Domingo de Julho).

Chave, freguesia do concelho de Arouca, tem 11,61 km² de área e 1 414 habitantes (Censos 2001). É delimitada a Norte por Mansores (Arouca), a Oeste com Escariz (Arouca) e Vila Cova de Perrinho (Vale de Cambra), a Este por Rossas (Arouca) e a Sul com Macieira de Cambra (Vale de Cambra). Dista 14 km da sede de concelho. Ocupando terreno acidentado e agreste, o rio Arda atravessa a extremidade NE da freguesia e o ribeiro de Corga da Bouça a SO. A antiga Estrada Real Porto-Viseu e Arouca-Oliveira de Azeméis atravessam a freguesia.

A freguesia de Chave foi habitada desde tempos remotos, embora não abundem as marcas desse passado longínquo. A certeza de que os celtas aqui estiveram é confirmada pelos monumentos fúnebres - as mamoas - ainda existentes na parte noroeste da freguesia. Outras existiram a partir do Couto da Lomba, mas foram destruídas. Dos romanos, também há vestígios: uma estrada, de que sobrevivem alguns troços e topónimos. Chave é mencionada em registos muito antigos como "*Vila Flaviae*", e deverá ter origem numa tal "*Quinta de Chave*", propriedade do senhor romano Flávio Cesário, juiz e, mais tarde, cônsul. Foram os romanos que aqui introduziram técnicas de construção mais actuais, já que os anteriores povos construíam no cimo dos montes. Dos mouros, pouco mais resta. A freguesia terá nascido do movimento de reconquista cristã. Há documentos que provam a existência de Chave antes do nascimento de Portugal. Em 1094, por exemplo, foram doados ao Mosteiro de Arouca as terras entre o rio Paiva e a Vila Flaviae. No início do século XIX, no período das Invasões Francesas, o major Luís Paulino de Oliveira estabeleceu na Farrapa a defesa de Arouca e do seu mosteiro recheado de valores. Entre 1830 e 1840, liberais e miguelistas bateram-se no lugar de Soutelo. Os primeiros, comandados por Frei Simão de Vasconcelos, que se dirigiam a Arouca vindos de Cesar, foram derrotados pela força miguelista chefiada por um alferes que estacionara na Farrapa (www.eb1-tojal.rcts.pt).

As actividades económicas relevantes são a agricultura, a pecuária, a indústria de panificação, madeiras e metalomecânica. Do património cultural, salienta-se a Igreja Matriz e a Capela de Santiago da Farrapa, mandada erigir por D. Francisco Forjaz Pereira, Conde da Feira, em local onde outrora houvera uma ermida. A Capela de S. João da Quintela, a da Nossa Senhora de Fátima, em Soutelo e a Capela de S. João Bosco, na Regada, merecem alguma atenção. A **Ponte de Bogalho**, o Solar do Reguengo, o Miradouro de Quintela e Capela de Santiago no lugar da Farrapa são outros pontos de interesse. Merecem destaque as festas e romarias de Santa Eulália, padroeira da freguesia (3º domingo de Agosto), Senhora do Rosário (1º domingo de Outubro), São Tiago (25 Julho) e São João (24 Junho).

Mansores é uma freguesia do concelho de Arouca, com 13,96 km² e uma população de 1 155 habitantes (Censos 2001). É delimitada a Norte e Oeste por Escariz, a Este por Tropeço e a Sul por Chave, todas do concelho de Arouca. Encontra-se disposta numa zona relativamente montanhosa, onde se insere o vale do rio Arda que se estende de N-SO. A agricultura, a pecuária e as indústrias de transformação de madeiras e de construção civil, constituem as principais actividades económicas da freguesia, bem como a base do sustento da sua população.

A freguesia de Santa Cristina de Mansores foi curato, com pároco ou cura, da apresentação do reitor de Escariz; encontrava-se inserida na Terra de Santa Maria e pertenceu à diocese do Porto. Arqueologicamente, este é um local muito rico, embora não tenham sido feitas grandes investigações nesse sentido. No entanto, há alguns anos, foi registada na freguesia a existência de várias mamoas megalíticas, dentro dos limites da mesma. As épocas do cobre, bronze e ferro estão testemunhadas pela existência de achados ocasionais e pela toponímia. Surgiram também, algumas mós encolíticas ou oblongas, no chamado Monte do Castelo.

Pinho Leal refere-se ao Castelo de Mansores e diz que: *"houve uma fortaleza habitada pelos Celtas, mámoas, alicerces de casas e uma anta". A 12 de Julho de 1861, foi lançada a primeira pedra para a reedificação e aumento do templo. Em 1758, o padre António Vieira de São José, cura da freguesia, diz no seu relatório de 5 de Abril: "Nam he murada, nem praça de armas, não ha nem ouve tor(r)es, mas sim um castello que dizem ouve dos mouros que já delle nada existe só o cítio" e, a propósito da serra, escreve: "A serra mais alta deste cítio he a que refiro: -Chama-se o Castello, por nella existir o cítio de hum castello dos mouros".* O Dicionário Geográfico (vol. 22, nº44) relata que *"Esta terra he da província da Beira Alta do bispado do Porto, comarca de Esgueira, termo da Villa da Feira, e freguezia de Santa Chrestina de Mançores (...) He do Infantado, mas como faleceo o Senhor Infante, parece ser de El-Rei meu Senhor de presente".* Acerca da economia local, a mesma obra menciona que: *"Os fructos desta terra que os moradores recolhem em mais abundância he milho graudo e vinho e algum senteio..."* (mansores.aroucanet.com).

As principais actividades económicas da freguesia são a agricultura, a pecuária, a indústria de madeiras e a construção civil. Das festas e romarias da freguesia, salientam-se as festas em honra de Santa Quitéria (no 1º domingo de Junho, na Igreja Matriz); de Santa Cristina, padroeira da freguesia (1º domingo depois de 22 de Julho); de Nossa Senhora do Rosário (no penúltimo domingo de Agosto, no lugar da Vila); as festas do Santíssimo (2º domingo de Julho) e de Santo António (1º domingo depois de 13 de Junho), que

se celebram no lugar das Agradas. Para não esquecer a manufactura do passado, permanecem vivas as artes de artesanato, através de artefactos de tecelagem, nomeadamente as mantas.

Tropeço é uma freguesia do concelho de Arouca, com 18,23 km² de área e uma população estimada em 1 297 habitantes (Censos 2001). Dista da sede de concelho 9 km e é limitada a Norte pelas freguesias de Real e São Pedro do Paraíso (Castelo de Paiva), a Oeste com Mansores, a Este com Santa Eulália e a Sul com Várzea, Rossas e Urrô (Arouca). Esta freguesia designou-se outrora Oliveira. Segundo a etimologia, a designação de Tropeço tem a ver com "*Trapete*" que é relativo ao azeite e à sua produção. No lugar de Cela da freguesia de Tropeço, existiu uma ermida dedicada a S. João Baptista da qual D. Afonso Henriques com seu filho D. Sancho fez couto em Março de 1171 ao abade Domingos e seus sucessores. O couto cobria parte das freguesias de Tropeço, Rossas, Chave e Mansores e tinha como limites Fontão, Longo, Corujeira, Faldreu, Zendo, Saril, Chave, Mansores, descendo depois até ao Arda. Determinou o rei que Pedro Gonçalves, então juiz de Arouca, fosse meter os respectivos marcos na companhia do referido abade Domingos (tropeco.aroucanet.com).

A ermida e o couto, de curta duração, sofreram diversas vicissitudes. A certa altura surgiram demandas entre o Mosteiro de Paço de Sousa e o Mosteiro de S. Cristóvão de Lafões sobre o padroado da ermida e seu couto, bem como sobre diversos casais da Ribeira ("Riparia") e um da Lagoa. Para dirimirem a questão, foram nomeados juizes que sentenciaram pertencerem inteiramente a ermida com seu couto e os referidos casais ao Mosteiro de Paço de Sousa (tropeco.aroucanet.com). Perdura nos habitantes de Cela a tradição de que aqui existira uma igreja. Na sequência da antiga ermida e do culto a S. João Baptista, encontra-se hoje a capela de S. João, não muito distante do centro do lugar de Cela.

A principal actividade económica é a agricultura, porque se encontra no prolongamento de um grande vale com o seu vértice a poente na freguesia de Romariz, e estendendo-se para sul até Vila Cova de Perrinho e Vale de Cambra. Neste vale, existia muito milho, centeio, trigo, moinhos de água, oliveiras e vinha, um lagar de azeite e lagares de vinho e destilação de água-ardente, linho, teares manuais, castanhas e colmeias. A indústria é pouco significativa na freguesia, mas dedica-se sobretudo à indústria de transformação de madeiras, artesanato, pecuária e exploração florestal (www.eb1-bacelo.rcts.pt).

Das belezas naturais, destacam-se **as margens verdejantes do rio Arda, as suas quedas de água** e o Monte de Santa Bárbara. O rio Arda, que passa nesta freguesia, era fertilíssimo. Nas suas águas, pescavam-se saborosas trutas e outras espécies de água doce. Neste rio, bem como no rio Souto que também atravessa a freguesia, observam-se imensos moinhos, alguns lagares de azeite e até algumas

serrações de madeira que trabalhavam utilizando, como fonte de energia, a força das suas águas (www.eb1-bacelo.rcts.pt).

Do património cultural e edificado, destaca-se a Igreja Matriz, os **moinhos de água**, e as capelas de Santa Bárbara, de S. Vicente e de S. João. A freguesia distribui-se pelos lugares de Aldeia, Amieiro, Arrifana, Bacelo, Barrol, Bouças, Carvalhal, Casa Nova, Castanheira, Cela, Chãs, Cimo de Vila, Cortinhal, Feldreu, Ferreiros, Fim-de-Vila, Fojo, Folgosinho, Lamas, Lomba do Meio, Moinhos do Meio, Paço, Panaceira, Pedra Chãs, Pena, Piloto, Ponte da Pedra, Pousadouro, Póvoa, Ribeira, Rigueiras, Santa Bárbara, São João, Seixido, Souto, Tropeço, Vala, Vale Derradeiro, Vale Grande e Vergadelas.

As festas e romarias da freguesia realizam-se em honra de Santa Bárbara (Maio), S. Vicente (domingo seguinte à Páscoa), Senhora da Saúde (15 de Agosto) e Festa do Senhor (3º domingo de Julho). O orago da freguesia é Santa Marinha.

Escariz é uma freguesia do concelho de Arouca, com área de 17,13 km² e uma população residente de 2 255 habitantes (Censos 2001). Dista 18 km da sede de concelho. Os rios Arda e Inha atravessam a freguesia, ambos na direcção Sul-Norte, o primeiro a nascente e o segundo a poente. O topónimo Escariz é um derivado germânico de "*Aschar*", cuja tradução é "Ascário" que significa literalmente "guerreiro armado com uma lança de haste de madeira de freixo". O geónimo "Ascário" surge também através do topónimo latino medieval "*Villa Ascariquic*" que significa a Quinta de Ascário. Pela existência na região de castros e mamoa, o povoamento da freguesia de Escariz é muito antigo.

A paróquia de Santo André de Escariz é citada nas Inquirições de 1288, como uma povoação que era toda foreira ou, parte dela da coroa, não existindo nela qualquer honra. Segundo a tradição, a Igreja Matriz de Escariz deverá ter sido, sensivelmente até ao séc. XV, um convento de freiras beneditinas, que no mesmo século terão sido transferidas para o convento de Avé Maria do Porto; o que, em parte, se confirma, pois a freguesia de Escariz foi uma vigaria anexa aquele convento e passou depois a reitoria independente. A 10 de Fevereiro de 1514, D. Manuel I deu Foral Novo ao julgado da Feira, e deste a freguesia de Escariz passou a beneficiar. A freguesia chegou ainda a pertencer ao concelho de Fermedo; contudo, o mesmo foi dissolvido a 24 de Outubro de 1855 (escariz.aroucanet.com).

Destaca-se do património histórico-cultural da freguesia, a Igreja Matriz, a **Capela de Nabais**, a Capela da Abelheira, **Capela de Vêr e Coval Quente**. O Monte da Abelheira e os **rios Arda** e Inha, que tem nascentes nesta freguesia, destacam-se como os seus locais de maior interesse. Escariz é uma freguesia de terrenos férteis, propícios à agricultura que se tornou uma das principais actividades dos seus habitantes, que, para além desta, vivem também da transformação de madeiras, da indústria do calçado e da construção civil. A apicultura também se encontra em franca evolução.

Em Escariz, ocorrem várias festividades: Nossa Senhora do Carmo (domingo a seguir a 16 de Junho), a Festa do Corpo de Deus (dia de Corpo de Deus), S. Miguel Arcanjo na Capela de Ver (2º domingo de Agosto/Setembro), São Pedro em Nabais (domingo mais próximo de 29 de Junho), Senhora dos Remédios (2º fim-de-semana de Setembro), Senhora da Conceição na Abelheira (último domingo de Agosto), Senhora da Saúde (Agosto) e Santo André, padroeiro da freguesia (3º domingo de Julho).

Fermedo é uma freguesia do concelho de Arouca, com 12,16 km² e uma população de 1 504 habitantes (Censos 2001). Dista da sede de concelho cerca de 22 km, sendo limitada a Norte por São Miguel do Mato (Arouca), a Sul por Escariz (Arouca), a Nordeste por Castelo de Paiva e a Oeste por Santa Maria da Feira. Os rios Inha e Arda atravessam a freguesia nas extremidades SO e NE, respectivamente.

O topónimo Fermedo parece derivar de "*Pharamundo*" ou "*Faramondo*", antropónimo godo do início do século V. A derivação da palavra para "*Fermudo*" e depois para "*Fermedo*", terá ocorrido nos primeiros séculos da nacionalidade. O território de Fermedo foi habitado desde a pré-história, como o comprovam alguns vestígios descobertos nos montes próximos da freguesia; a ocupação pelos romanos é também atestada por algumas lápides votivas. Fermedo foi concelho com justiças próprias, desconhecendo-se, no entanto, a data da sua formação. Há quem afirme que o concelho foi instituído ainda antes da nacionalidade e que teria sido o Conde D. Henrique quem lhe concedera tal privilégio, porém não existem documentos que o confirmem. Em 1275, D. Afonso III concedeu foral a Fermedo; no entanto, a sentença deste data de 22 de Novembro de 1490. Os primeiros donatários da freguesia foram os frades do Convento de Crestuma, a quem havia sido doado o território por volta de 922. A 30 de Maio de 1445, por carta dada em Santarém, D. João I encarregou o prior D. Frei Álvaro Gonçalves Camelo de fazer a troca entre o rei e Aires Gomes de Figueiredo, do terço que este possuía na vila de Aveiro, por algumas casas reais; esta troca foi feita com as terras de Fermedo, que passaram assim aos Duques de Aveiro e destes, por casamento, aos Condes da Feira, que trocaram estas terras com os Peixoto, do Porto, situação que ainda se mantinha em 1758, como se pode confirmar pela "Memórias Paroquiais" desse ano, assinadas pelo Padre Francisco de Carvalho. Ao longo deste período de tempo, eram os donatários que apresentavam o abade. Os privilégios concedidos até então a Fermedo, foram confirmados por Foral Novo de D. Manuel I, a 27 de Setembro de 1514. Cabeçais era a sede do concelho de Fermedo que foi extinto a 24 de Outubro de 1855, passando Fermedo a integrar o concelho de Arouca (fermedo.aroucanet.com).

A nível económico, a agricultura ainda persiste, destacando-se a produção de cereais e a apicultura. No que diz respeito a indústria, tem tido uma forte implantação a construção civil, indústria do calçado, madeiras e mobiliário, metalomecânica. Do património arquitectónico da freguesia, salienta-se a Igreja Matriz, o Pelourinho em Cabeçais, a Casa do Castelo, a Casa da Cultura, a Capela da Senhora da Boa

Fortuna em Borralhoso, a Capela da Senhora dos Aflitos na Cela, a Capela da Senhora da Saúde em Cabeçais. Outros locais de interesse são o Vale de Fermedo e Cabeçais, o **rio Arda** e Calçada do Couço que se realiza no lugar de Cabeçais no dia 13 de Julho.

Igualmente de grande tradição são as feiras, onde se escoam essencialmente os produtos cultivados no local e arredores, e entre as quais se destacam: a Feira dos Treze (assim denominada por se realizar mensalmente naquele dia) no lugar de Cabeçais e a Feira das Debulhas, onde, desde tempos já longínquos, se realiza a venda do gado; anualmente a 13 de Julho. Celebram-se na freguesia as romarias de Nossa Senhora da Saúde, em Cabeçais (15 de Agosto), a Santo André, em Cabeçais (dia de Pentecostes), a Senhora da Conceição na Capela de Cela - Borralhoso (1º domingo de Maio), a Senhora da Boa Fortuna no lugar do Borralhoso (3º domingo de Julho), Senhor dos Aflitos na capela de Cela - Borralhoso no 1º domingo de Maio. O orago da freguesia é Santa Maria/Nossa Senhora da Expectação.

São Miguel do Mato é uma freguesia do concelho de Arouca, com área de 23,41 km² e uma população de 800 habitantes (Censos 2001) e faz fronteira com o distrito do Porto. É limitada a Norte pelo concelho de Gondomar, a Noroeste pelo concelho de Santa Maria da Feira e a Nordeste pelo concelho de Castelo de Paiva, a Sul e Este pela freguesia de Fermedo (Arouca). A freguesia está dividida em duas metades, atravessadas por Fermedo. O rio Arda percorre a extremidade nordeste de São Miguel do Mato. Diz-se que existiu nesta freguesia um pequeno mosteiro, ou cenóbio. No ano de 1919, foi feita uma doação de Diogo Teoderiguiz e de três dos seus irmãos, contemplando esse cenóbio ou mosteiro de São Miguel - Arcanjo, situado entre Covelas e Paradela e entre Fermedo e Parada: «*Sancti Michalis Archangeli inter Covellas et Paradela et inter Fermedo et Parada*». Não se sabe ao certo quando deixou de existir e passou a igreja secular; sabe-se, no entanto, que no ano de 1275, já era secular. Uma bula de Gregório X desse ano confirma o padroado do Mosteiro de Paço de Sousa sobre essa igreja como igreja secular. Em 1614, o padroado passou para o colégio de Évora e depois para a Universidade de Coimbra (smmato.aroucanet.com).

Destacam-se como principais pontos de interesse da freguesia, a aldeia de **Carvalhal Redondo**, a Igreja Matriz, a Capela de Santo António do Forno, a Capela de São Lázaro, a **Capela Belece** e a **Capela de Carvalhal Redondo**. Esta freguesia inclui os lugares de Alto do Viso, Baloca, Belece, Carvalhal Redondo, Cerejeira, Chãs, Covelas, Cruz de Santa Cristina, Largo da Cancela, Lázaro, Mosteirô, Mourão, Paradela, Ribeirinha, Terreiros do Coval e Vale da Armada. O padroeiro da freguesia é São Miguel. Celebram-se as festividades em honra de São Lázaro (Domingo a seguir à Páscoa), Santo António (Domingo a seguir a 13 Junho), São Miguel e São Jorge (Julho), Senhora dos Enfermos (Maio), Santa Serzília (Dezembro) e Senhora de Fátima (Agosto).

Concelho de Castelo de Paiva

O rio Arda atravessa no seu troço mais a jusante os limites administrativos de **São Pedro do Paraíso, Raiva e Pedorido**, freguesias do concelho de **Castelo de Paiva**, o qual não integra a Área Metropolitana do Porto. No entanto, merece aqui também uma referência. Situado a 45 km da cidade do Porto, o concelho de **Castelo de Paiva** é o mais distante da sede do distrito de Aveiro, estendendo-se desde os limites de Arouca até ao rio Douro, entre os concelhos de Cinfães, Gondomar e Santa Maria da Feira, que abrange as províncias da Beira e do Douro Litoral. O concelho é composto por 9 freguesias, distribuídos por uma área de 109 km² e uma população que ronda os 17 mil habitantes (Censos 2001). Tradicionalmente rural, foi no passado marcado pela **exploração carbonífera do Pejão**, mas actualmente têm sido instaladas novas indústrias nas áreas do calçado, têxtil, madeiras, mobiliário e metalomecânica (www.cm-castelo-paiva.pt).

Situada a 7 km da sede do concelho, **S. Pedro do Paraíso** tem 24,85 km² de área e 975 habitantes (Censos 2001). É uma freguesia limitada a Norte por Raiva e Santa Maria de Sardoura, a Sul e Este por Real, a Oeste por Pedorido e a Sudoeste pelo concelho de Arouca. É uma freguesia de relevo acidentado, pouco cultivada e com uma grande mancha florestal, com pequenos núcleos populacionais, dispersos pela sua extensa superfície. As Inquirições de 1258 incluem o território desta freguesia, ou pelo menos parte dela, na freguesia de Pedorido, mas já em 1320, esta terra aparece já referenciada como S. Pedro do Paraíso, porventura instituída devido à grande distância que as separavam.

Os povos antigos, que neste acidentado território marcaram presença definitiva, aproveitaram muito do extraordinário manancial mineralógico existente. Há também vestígios da presença de povos germânicos neste território, nomeadamente em nomes de alguns lugares, como Sabariz e Touriz, que aludem a possíveis "villas" germânicas. Na zona de Carvalho Mau, surgiu um núcleo megalítico de grande extensão, tendo sido já objecto de algumas escavações arqueológicas, com três mamoaes que provam a passagem de diversos povos por esta região.

Desde a doação que Egas Herminges fizera antes da sua morte, em 1133, de metade do seu padroado da Igreja de S. Pedro do Paraíso ao Mosteiro de Paço de Sousa, foi aberto um contencioso entre aquele Mosteiro e a Mitra de Lamego, que havia de durar pelo menos até ao séc. XVIII. A actividade mineira teve grande expressão nesta freguesia, com a exploração carbonífera na zona do Pejão, onde ainda hoje, são visíveis muitos vestígios daquela actividade, que arrastou trabalhadores e aventureiros a estas paragens. O santo padroeiro é S. Pedro, mas as povoações têm uma enorme devoção pela Santa Eufémia, santa que se venera no lugar com o mesmo nome e que se apresenta como uma das maiores romarias da

região (www.cm-castelo-paiva.pt). A Igreja Matriz de Pedorido, a Capela da Póvoa e o Solar da Póvoa são pontos de interesse da freguesia.

Real, com 12,10 km² de área e 2 394 habitantes (Censos 2001), fica situada a 5 km da sede de concelho e foi elevada a vila em 1 de Julho de 2003. É limitada a Norte pelo rio Douro, a Oeste pelo rio Arda e pela freguesia de Pedorido, a Noroeste por Santa Maria de Sardoura e a Sul e Sudoeste por São Pedro do Paraíso. As citações desta freguesia remontam aos alvares da formação da nacionalidade, aparecendo com a designação de "*Villa Rial*". Vários autores correlacionam este nome como representativo do poder régio nas terras que compunham esta freguesia. Sabe-se, porém, que inicialmente estas terras eram senhoriais e não reais. Só nas Inquirições de 1258 é que surge uma nova corrente que pretende relacionar o topónimo *Rial* com um conjunto de nascentes que formariam um pequeno ribeiro, hoje transformado no rio Sardoura que atravessa a freguesia, com a nascente próxima do lugar do Seixo. Nos meados do séc. XI, eram grandes senhores em Villa Rial e em seus lugares, três homens de nome Formosinho: Formosinho Fernandes, Formosinho, o presbítero e Formosinho Romarigues. Administrativamente, já no século XVIII, esta freguesia estava sujeita à Casa de Bragança, tal como todo o concelho em geral. A casa de audiências da Câmara e a Cadeia situavam-se em área desta freguesia, no lugar de Nojões, onde outrora, (até aos anos 40 do séc. XX), se realizava uma feira com alguma grandeza. Um dos documentos mais antigos desta freguesia data de 1902 e diz respeito aos direitos do Mosteiro de Arouca sobre a igreja desta vila dedicada a S. Miguel. Real situa-se entre montes e vales, e algumas partes do território em planície, sendo o ponto mais elevado o Monte de Santo Adrião, com cerca de 640 metros de altitude, servindo de partilha desta freguesia com o concelho de Arouca. Fala-se que foi fortificado, porque aí perto encontra-se uma povoação com o nome de Castro, que alude precisamente ao castro localizado no alto desse monte (www.cm-castelo-paiva.pt).

Pedorido, com cerca de 11,96 km² de área e 1 596 habitantes (Censos 2001), situa-se na margem esquerda do Rio Douro e dista 17 km do centro da vila. É limitada a Norte pelo rio Douro e foi uma das primeiras da Terra ou Julgado de Paiva, com boa representação nos documentos que, no século X e XI assinalam o concelho. Uma falsa etimologia quis derivar o nome desta freguesia em "*pé dorido*". Uma delas, anterior ao século XII é *Pedraído* ou *Petraído*, que conservou a toponímia até aos nossos dias como forma estereotipada, que define o território acidentado ou pedregoso entre o rio Arda na zona oriental, e o pequeno ribeiro de Areja, a oeste, abatendo aos vales destes rios e ao Douro.

No entanto, na segunda metade do séc. XI, a designação da Igreja de Santa Eulália da actual freguesia era de Pedourido. É de crer, por isso, que o nome de Pedorido seja formado pelos dois elementos, o primeiro dos quais alusivo ao templo ao pé do monte e o segundo à vizinhança do rio Douro. Pode também, o segundo caso, relacionar-se com a extraordinária riqueza mineralógica da região, onde em

tempos muito recuados se explorou o ouro com alguma intensidade. Esta freguesia está incluída na zona carbonífera do Couto Mineiro do Pejão (www.cm-castelo-paiva.pt). É a freguesia mais industrial do concelho de Castelo de Paiva.

Bibliografia

Young Reporters for the Environment: www.youngreporters.org

Instituto Nacional da Água: www.inag.pt

Futuro Sustentável: www.futurosustentavel.org

Percurso na Geologia de Arouca: geologia.aroucanet.com

Rota da Luz: www.rotadaluz.pt

Roteiros da Água: www.roteirosdaagua.com

Blog sobre BTT: indy.home.sapo.pt

Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana: www.monumentos.pt

Quinta de Novais: www.quintadenovais.com

Quinta do Pomarinho: www.quintadopomarinho.com

Portal de Arouca: www.aroucanet.com

Instituto de Conservação da Natureza e Biodiversidade: www.icn.pt

Vias Romanas em Portugal: viasromanas.planetaclix.pt

Jornal Moliceiro: www.moliceiro.com

Arouca.biz – Notícias de Arouca: www.arouca.biz

Câmara Municipal de Castelo de Paiva: www.cm-castelo-paiva.pt

Câmara Municipal de Arouca: www.cm-arouca.pt

Junta de Freguesia de Arouca: arouca.aroucanet.com

Junta de Freguesia de Urrô (Arouca): urro.aroucanet.com

Junta de Freguesia de Rossas (Arouca): rossas.aroucanet.com

Junta de Freguesia de Mansores (Arouca): mansores.aroucanet.com

Junta de Freguesia de Tropeçô (Arouca): tropeco.aroucanet.com

Junta de Freguesia de Escariz (Arouca): escariz.aroucanet.com

Junta de Freguesia de Fermedo (Arouca): fermedo.aroucanet.com

Junta de Freguesia de São Miguel do Mato (Arouca): smmato.aroucanet.com

Instituto Português do Património Arquitectónico: www.ippar.pt

Escola EB1 do Bacelo (Tropeço, Arouca): www.eb1-bacelo.rcts.pt

Escola EB1 do Tojal (Chave, Arouca): www.eb1-tojal.rcts.pt

AFONSO, António; CARVALHO, Fernando (1990); Estudo das condições do rio Arda para a instalação de uma truticultura do tipo industrial; *in* Separata de "Observatório", Revista do Sector de Acção Cultural da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, nº 1, Dez.1990.

BOTELHO, Abel (1884); O Occidente. Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro, vol. VI, p. 268 e 269.

BOTELHO, Abel (1883); A Frecha da Mizarela; incluído em "*Mulheres da Beira*", 2ª edição, 1917.

COSTA, Américo (1930); Diccionario Choreografico, vol. II, 1930.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (1985); Guia de Portugal: Entre Douro e Minho; Vol. I. - Douro Litoral; Porto.

HERCULANO, Alexandre (1853-1854); Apontamentos de Viagem.

INAG (2001); Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Douro (disponível online na página www.inag.pt).

INE (2001); Recenseamento Geral da Agricultura 1999. Entre Douro e Minho. Principais Resultados; INE, Lisboa.

INE (2007); Anuário Estatístico da Região Norte 2006; INE; Lisboa.

LEAL, Augusto de Pinho (1873); Portugal Antigo e Moderno – Diccionario Geographico, Estatistico, chorographico, heráldico, archaeologico, histórico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal, vol. I, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa.

PEREIRA, Vergílio (1990); Cancioneiro de Arouca, Edição Fac-simulada, Associação para a Defesa da Cultura Arouquense, Arouca, 1990, pp. 904.

SILVA, António (2004); Memórias da Terra: Património Arqueológico do Concelho de Arouca; Câmara Municipal de Arouca, Arouca, pp. 464.

SILVA, António (2003); O Projecto Paivar, um plano de investigação arqueológica de âmbito regional; in Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Ciências e Técnicas do Património; I Série vol. 2, pp. 199-222, disponível em ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2915.pdf

SOARES, Sandra (2007); O Mosteiro de Arouca e o seu património; trabalho apresentado na disciplina de Infomática Básica do curso de Ciência da Informação, 1º ano, 1º semestre, da FEUP